



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA



ANA FLÁVIA DOS REIS SANTOS

BATOM: EXPERIÊNCIAS ENTRE PERFORMANCE E FEMINISMO PRETO

Uberlândia/MG

Outubro de 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA



ANA FLÁVIA DOS REIS SANTOS

BATOM: EXPERIÊNCIAS ENTRE PERFORMANCE E FEMINISMO PRETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para avaliação na disciplina Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso e conclusão do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos

Uberlândia/MG
Outubro de 2021

SANTOS, Ana Flávia dos Reis. **Batom**: experiências entre performance e feminismo preto. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Uberlândia, 2021. 65p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para avaliação na disciplina Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso e conclusão do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos (Orientador)

Prof. Dr. Alexandre José Molina (Curso de Dança – UFU)

Profª. Drª. Jorgetânia da Silva Ferreira (Curso de História – UFU)

Priscila Rezende Pinto (Artista Convidada – EBA/UFMG)

Uberlândia/MG
Outubro de 2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a algumas pessoas importantes que contribuíram para que a performance Batom e essa pesquisa acontecessem.

Agradeço às minhas crenças, a Deus e a todos os orixás e anjos da guarda e por ter aprendido sobre uma religião que diz muito do meu passado durante a graduação, foi essencial para que eu estivesse sempre em companhia e resistindo a tudo.

Um imensurável obrigada a minha família, a que me escolheu como filha e irmã desde o primeiro momento. Passamos por tantas coisas, vocês me viram crescer, chorar, rir, comer muito (risos) e dançar, principalmente dançar! Eu aprendi com vocês valores que eu jamais vou perder. Obrigada por tudo meu Pai Zacarias, por acreditar nos meus sonhos como se fossem seus e investir em mim; minha mãe Maricélia, por passar por cima de tudo e todos para que eu esteja sempre bem, segura e principalmente feliz; minha irmã Darlene, por ter me mostrado um amor que eu nunca vou sentir na vida. Eu estou com você até o fim!

Um agradecimento especial aos meus avós: a minha avó Gersonita, que não está mais entre nós, mas que nunca deixou de olhar por nós, muito obrigada por estar sempre comigo e me guiando; a minha vó Zulma, por ser a minha maior representação de independência e força; ao meu avô Orlando, por todo o seu cuidado mesmo sendo durão; e ao meu avô João, com quem desenvolvi uma maior conexão durante a pandemia, obrigada por cada panelinha de mexido que dividiu comigo na roça.

Aos meus amigos que cresceram comigo em Paracatu-MG, obrigada por ainda se fazerem presentes na minha vida. Ter vocês comigo é alívio e um respiro para todos os meus desesperos; eu amo muito todos vocês e que possamos continuar assistindo o crescimento uns dos outros. Obrigada Elaine Batista, Leonardo André, Anayane Ramos, João Henrique, Adan Costa, e Gustavo Silva.

Aos amigos da graduação, obrigada por todos os contatos e improvisações, por cada papo e risada no D.A, por cada fofoca na fila do R.U, por verem meus medos e dores mais profundos virarem arte durante nossas aulas e fora delas. Ter tido colo de vocês durante os momentos mais intensos da minha vida, foi o que fez toda a minha caminhada na graduação ter sido mais leve. Obrigada por terem se tornado uma importante parte da minha vida e de quem eu venho me tornado enquanto mulher e profissional. Muito obrigada Giovanna Silvestre; Jemerson Carlos Bob; Lang Soares; Renata Britto e Alexandre ROIZ.

A Associação Atlética Acadêmica das Artes, Arlekings Cheerleaders e Artilharia, obrigada por terem me proporcionado as experiências mais loucas da minha vida, pelos

ensinamentos profissionais, por terem me ensinado a amar a música, os esportes e a dança, mais do que eu pensei que fosse capaz de amar, ainda mais tendo a oportunidade de ter a minha pesquisa traduzida na Mascote de vocês, foi uma honra. Aos amigos que fiz nesse espaço, saibam que vocês foram importantes para que eu passasse por muitas situações de racismo de uma maneira melhor e desde então permanecem ao meu lado.

Gostaria também de agradecer aos professores, aos técnicos e à secretária do Curso de Dança, que se fizeram presentes em vários momentos da construção da performance e, principalmente, da minha formação, não só como profissional, mas também no pessoal. A energia que vocês depositaram em todos os meus trabalhos, acreditando em mim, as vezes mais do que eu, fez toda a diferença para que eu conseguisse levar meus trabalhos adiante. Espero devolver a vocês um trabalho que possa lhes orgulhar.

Gostaria de agradecer a Alexandre Molina, Jorgetânia Ferreira e Priscila Rezende por terem aceitado o convite para comporem a banca de defesa deste Trabalho de Conclusão de Curso. Tenho certeza que as suas considerações serão muito importantes para a sequência dessa pesquisa e da minha trajetória como artista-pesquisadora.

Por último, e mais importante, gostaria de agradecer ao Jarbinhas (apelidado carinhosamente) por ser a minha referência e representatividade dentro do Curso. É um privilégio ter sido orientada por você, que sempre respeitou meu tempo, minhas questões e que desde o início prezou pelo cuidado no meu trabalho, nunca quis e nem permitiu que eu entregasse algo que eu não estivesse gostando de fazer.

RESUMO

Essa pesquisa é um relato de experiência sobre a criação da performance *Batom*, trabalho desenvolvido no Curso de Dança da UFU. Tem objetivo principal é apresentar como as questões vivenciadas por mim em relação a racismo, gênero, sexismo e gordofobia são marcas sociais que, atravessadas em minha experiência de vida e no meu corpo, se colocam como materiais para a produção de um trabalho artístico que articula o posicionamento político e estético numa relação arte e vida, corpo e política. Para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, eu busquei analisar como se deu o processo criativo a partir de três direções: a primeira, tendo como ponto de partida minhas experiências de vida como mulher preta, tem o interesse de compreender os motivos que levaram à produção da performance; a segunda se relaciona com a compreensão do feminismo preto e as temáticas correlacionadas, como identidade de gênero, interseccionalidade, racismo, lugar de fala, entre outros; a terceira diz respeito à compreensão da performance como campo de atuação artístico que possibilita o aprofundamento das temáticas aqui abordadas de modo estético, poético e político. Entendo que este trabalho poderá contribuir para futuras pesquisas de mulheres pretas, artistas da dança, que tenham interesse tanto no campo da performance como nas temáticas relacionadas às questões do feminismo preto, seja no campo acadêmico, artístico ou social. Espera-se que a experiência aqui relatada possa ser parâmetro acerca da relação criativa da performance articulada às questões raciais e de gênero, especialmente aquelas mediadas pela pesquisa acadêmica.

Palavras-Chaves: Feminismo Preto. Performance. Dança. *Batom*. Interseccionalidade.

ABSTRACT

This research is an experience report on the creation of the performance *Batom*, a work developed in the Dance Course of UFU. Its main objective is to present how the issues experienced by me in relation to racism, gender, sexism and fatphobia are social marks that, crossed in my life experience and in my body, are placed as materials for the production of an artistic work that articulates the political and aesthetic positioning in an art and life relationship, body and politics. For the development of this Course Completion Work, I tried to analyze how the creative process took place from three directions: the first, having as a starting point my life experiences as a black woman, has the interest of understanding the reasons that led to the production of the performance; the second relates to the understanding of black feminism and the themes correlated, such as gender identity, intersectionality, racism, place of speech, among others; the third concerns the understanding of performance as a field of artistic action that allows the deepening of the themes addressed here in an aesthetic, poetic and political way. I understand that this work may contribute to future research of black women, dance artists, who have an interest both in the field of performance and in the themes related to the issues of black feminism, whether in the academic, artistic or social field. It is expected that the experience reported here can be a parameter about the creative relationship of performance articulated to racial and gender issues, especially those mediated by academic research.

Key-Words: Black Feminism. Performance. Dance. *Batom*. Interseccionalidade.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Obra a fonte de Marcel Duchamp sob o pseudônimo R. Mutt	22
IMAGEM 2 - Marina Abramovic e Ulay na performance AAAA-AAAA	23
IMAGEM 3 - Imagem da apresentação da obra 4'33 de John Cage, por William Marx	23
IMAGEM 4 - Performance Merci Beaucoup, Blanco! de Michelle Mattiuzzi	26
IMAGEM 5 - Performance Bombril de Priscila Rezende	27
IMAGEM 6 - Performance de Merci Beacoup, Blanco! de Michelle Mattiuzzi na UFU.....	28
IMAGENS 7 E 8 - Performance Batom por Ana Flávia dos Reis Santos	37
IMAGEM 9 - Performance Do Branco à Carne por Ana Flávia dos Reis Santos e Giovanna Silvestre	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – O LUGAR DE FALA DA MULHER PRETA – VAMOS FALAR FEMINISMOS PRETOS?	12
1.1. FALANDO DO MEU LUGAR: RECONHECENDO AS MARCAÇÕES DO RACISMO EM MIM	12
1.2. FALANDO DE FEMINISMO PRETO	14
CAPÍTULO II – PERFORMAR OS CORPOS FEMININOS NEGROS	22
CAPÍTULO III – BATOM – UMA EXPERIÊNCIA PERFORMATIVA	32
3.1. BATOM: UM ENCONTRO COM MINHA NEGRITUDE	32
3.2. CORPO FEMININO NEGRO EM PERFORMANCE: MARCAS DE BATOM ...	35
3.3. DESDOBRAMENTOS DA PERFORMANCE BATOM	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS OU AS MARCAS DE BATOM EM MIM	42
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência sobre a criação da performance *Batom*. Mas para falar desse trabalho e das questões que o atravessam, busquei desenvolver no texto que compõe este Trabalho de Conclusão de Curso as motivações, as questões, os temas e as teorias que foram fundamentais para essa produção artística. É por esse motivo que o trabalho final é um misto entre um relato de experiência e uma monografia. Com isso, minha intenção é que as minhas vivências e experiências de vida estejam amarradas às questões teóricas de dois campos de reflexão: o feminismo preto e a performance.

Para começar, gostaria de falar sobre as minhas vivências e da minha história, estas que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sou uma mulher preta que foi adotada por uma família branca. Toda a família, não apenas meus pais e minha irmã, é composta por pessoas brancas. Nesse contexto, eu, como criança preta, não fui criada com e pelos meus pais biológicos e também não sei quem são. Fui adotada logo quando bebê, pois minha mãe biológica não tinha condições de me criar e do meu pai não tenho informações (e não porque esconderam de mim, mas porque eu sempre tive muito receio de ir atrás dessas coisas e isso tornar-se um disparador psicológico que pudesse me fazer mal).

Desde sempre me falaram que eu fui adotada, nunca me esconderam essa informação e isso deixou que eu me sentisse mais confortável quanto a minha história de vida e também muito grata por ter sido levada para outra realidade social, muito distinta daquela que provavelmente eu viveria permanecendo com minha mãe biológica.

Meus pais adotivos não podiam ter filhos e queriam adotar uma menina. Nesse processo, permeado por práticas racistas da parte de quem tratava das adoções, eu fui escolhida. E esse processo de reconhecimento do racismo direcionado a uma criança recém-nascida tornou-se o meu primeiro material utilizado por mim na construção de um processo criativo no Curso de Dança da UFU; mas sobre isso falaremos mais tarde.

No ano de 2014, quando ainda cursava o ensino médio, eu iniciei os meus estudos sobre o feminismo. Como neste mesmo período eu tinha acabado de assumir o meu cabelo crespo, os temas e assuntos passaram a se relacionar e então eu tive o privilégio de ter conhecido o “feminismo preto” logo no início dos estudos. O porquê de ter sido um privilégio vai ser revelado ao longo dos capítulos.

Ao deixar meu cabelo crescer crespo, eu me vi crescer. Foi como se eu tivesse renascido; a sensação é indescritível mesmo. Eu recuperei meu cabelo, minha autoestima e ao mesmo tempo eu ganhei tanto conhecimento, tudo porque quando eu tomei consciência de

todos os racismos que eu já havia sofrido, eu quis ir a fundo, quis pesquisar e quis entender o que e como esses temas me atravessavam.

Foi nesse processo de autoconhecimento e de reconhecimento do meu lugar como mulher preta que eu fui chegando a pessoas que tinham o mesmo cabelo que eu; pessoas com a qual eu me identificava; pessoas que também estavam interessadas nesses temas de pesquisa e que me apresentaram o feminismo preto; mulheres pretas que falavam sobre seus cabelos crespos, mas também sobre suas dores e suas solidões.

Observando aquelas histórias, fui compreendendo o meu lugar, o que eu já havia sofrido e o que não poderia mais permitir. Fui lendo nomes de mulheres que lutaram antes para que avançássemos politicamente e socialmente. Na época foi uma pesquisa difícil identificar mulheres brasileiras que estivessem falando sobre aquelas pautas, especialmente pela dificuldade de estar em uma cidade do interior de Minas Gerais. Aos poucos fui conhecendo pensadoras e influenciadoras, mulheres pretas que passei a seguir porque falavam sobre seus cabelos crespos ao mesmo tempo em que pontuavam questões sociais, raciais e políticas.

Através desses estudos eu fui criando uma consciência própria de tudo que eu precisava falar e reivindicar a partir da minha história. Eu sempre gostei de escrever, então vi nisso uma oportunidade de conseguir falar com as pessoas. Assim, passei a ler textos meus e de outras mulheres pretas em eventos e intervalos da escola. A partir deste momento eu comecei a me posicionar, me colocando à frente de colegas da escola, com um microfone e os meus textos na mão. Fui colocando em prática tudo o que eu lia, pensava, refletia e escrevia. Pude observar também, pela primeira vez, quais eram as reações que eu recebia depois de discutir assuntos raciais na escola.

Por causa dessas pequenas atitudes de estudar e querer discutir o que eu estava estudando, eu fui me desenvolvendo enquanto mulher preta e os primeiros passos para ser, futuramente, uma pesquisadora.

Foi no Curso de Dança da UFU que as informações, teorias e debates acerca do feminismo e do racismo ganharam forma. Comecei a me aprofundar mais em algumas leituras, tanto sobre questões raciais, quanto sobre performance durante as disciplinas.

Os debates que tínhamos em todas as finalizações de aulas, me fizeram querer continuar uma pesquisa sobre os assuntos que me atravessavam até chegar aqui, na minha pesquisa de conclusão em que pude colocar em texto tudo o que eu já havia pensando durante o curso e também o que estava acontecendo durante a escrita.

Poder pensar em dança, não só o fazer, é elemento fundamental que o Curso de Dança da UFU faz questão de ter desde as primeiras disciplinas, e foi o que me deixou muito confortável para realizar a pesquisa, pois desde o início estávamos debatendo e pensando sobre a dança em diferentes formatos.

Este TCC está dividido em alguns capítulos e subcapítulos, que vão guiá-los pelas questões que foram fundamentais para a produção da performance *Batom*, ponto central de observação deste trabalho. Início falando sobre a minha trajetória de vida, desde o lugar de onde vim, como cresci e fui criada, até as experiências com os diversos tipos de racismos e preconceitos que criaram experiências e traumas e que me moldaram enquanto mulher preta, até a minha chegada na Universidade. Em seguida, falo do meu contato com o campo da performance, das referências de trabalhos artísticos/performativos de mulheres pretas e das experiências vivenciadas no Curso de Dança para a produção da performance *Batom*, que é um resultado de como eu recebi, absorvi e lidei as questões ligadas aos racismos e preconceitos vividos por mim por ser uma mulher preta. Por fim, relato a criação da performance buscando apontar como esse trabalho artístico aglutina as minhas questões pessoais, mas atravessa outras mulheres pretas que também passaram e passam pelas mesmas questões que eu, além de apontar como este trabalho trata-se de uma ação artística e política que busca a relação entre arte e vida, corpo e política como base para sua produção.

Ao longo deste texto algumas palavras estão marcadas na cor **vermelha**, buscando sinalizar palavras e expressões que fizeram parte da performance, bem como sobressaltar aquelas que foram importantes para a construção das reflexões que perpassam este trabalho. A interferência tem o desejo de mobilizar o olhar para a leitura, possibilitando mergulhar de outras maneiras nessa experiência.

Espero que a pesquisa sirva de referência para as próximas pessoas pretas que fizerem o Curso de Dança da UFU, como também para outros cursos superiores na área das Artes, ampliando o leque de informações sobre os temas aqui debatidos e seus inúmeros atravessamentos. Por fim, espero também que essa pesquisa não acabe por aqui e que possa ser o ponto de partida para outras propostas acadêmicas e/ou artísticas que virão.

CAPÍTULO I – O LUGAR DE FALA DA MULHER PRETA – VAMOS FALAR FEMINISMOS PRETOS?

1.1. FALANDO DO MEU LUGAR: RECONHECENDO AS MARCAÇÕES DO RACISMO EM MIM

Meus pais nunca me esconderam que eu sofreria racismos em minha vida, que eu escutaria coisas na escola que não seriam legais de ouvir e que muito provavelmente ouviria tais coisas todos os dias. Assim foi, passei muito tempo da minha infância e juventude, momentos cruciais da vida de um ser humano, pois criamos memórias muito profundas e muito difíceis de serem esquecidas, sofrendo todas as formas de racismo possíveis. Tais experiências racistas aconteceram em escolas e outros espaços de maioria branca, inclusive a família, e me levaram a passar por um processo de embranquecimento, especialmente no período da adolescência. Reconheço que essa situação não pode ser lida como culpa para a minha família (aquela que me adotou), pois não anula que os processos racistas poderiam também ocorrer em qualquer outro espaço, mesmo se eu tivesse continuado a viver no ambiente em que nasci.

Como dito acima, criamos memórias muito específicas e muito profundas na infância e início da juventude. Meu caráter, minha índole, meu modo de agir, foram extremamente julgados quando eu nem sabia o que era isso. Frases como: “Você é preta, sai daqui, não brincamos com preta” eram recorrentes e cotidianas pra mim, pois por mais que eu sofresse, eu também não queria estar sozinha. Quando eu chegava em casa era um alívio pra mim, porque assim como eu, minha irmã foi adotada em um contexto e ambiente periférico. Ela foi e é um dos meus pontos de paz e segurança social.

Devido a essas vivências, eu tive que me moldar muito pra ser aceita em todos os ambientes que eu estava. Meu cabelo foi alisado por 10 anos, eu sofri diversos cortes químicos, cheguei a perder grande parte dos cabelos da frente, e da nuca. Minhas roupas tinham que estar sempre muito bem passadas, ajeitadas e de acordo com o que as minhas colegas usavam, pra que eu não destoasse ainda mais.

Desde o pré-escolar **eu não falava** durante as aulas para que não fosse mais **oprimida**, o que me prejudicou no processo de aprendizagem, pois eu não conseguia tirar dúvidas, eu não conseguia me posicionar ou questionar durante as aulas, principalmente se fossem das áreas de exatas, e isso permaneceu até depois que me formei no ensino médio. Com isso, tive muitas consequências, no meu comportamento social, nas minhas questões psicológicas por ter tido que me encaixar nos espaços brancos.

Todos esse processos também estavam atrelados ao meu começo na dança, enquanto essas situações aconteciam comigo, eu já estava dançando, pois apesar dessas respostas psicológicas de travas sociais que eu desenvolvi, pelos racismos que eu sofria, eu ainda prezava por me divertir e descobrir um outro espaço de convivência que não fosse aquele que eu não estava sabendo lidar.

Chegar em casa todos os dias com algum motivo para chorar e ter que falar com a minha família os porquês dos choros, foi me deixando cada vez mais reclusa, calada, de cabeça baixa, achavam até que eu era tímida mas na verdade eu era repreendida, mesmo tão nova e essa nunca foi eu. A partir daí, inconscientemente, eu quis tentar encontrar refúgio em outros lugares, e o Studio de Dança foi esse lugar.

A dança foi muito importante para mim. Ao longo da minha evolução de criança para adolescente o Studio de Dança Denyse Barbosa era como se fosse o meu lugar dos sonhos, onde eu podia ser livre, ser eu mesma, ser cuidada, amada e respeitada. Tive sorte, pois sei como as academias de dança não se distanciam desse lugar colonial nas relações, muitos desses espaços reproduzem práticas racistas e este, com certeza, não foi o meu caso.

A dança me deu a oportunidade de sentir emoções e dores, de chorar e esvaziar o meu corpo. Essas emoções não congestionavam mais minha cabeça, elas iam se desmanchando e me dando um pouco de respiro. E tudo isso reflete hoje em quem sou e como lido com a vida, como mulher adulta preta e artista da dança.

Quando cheguei em Uberlândia, exclusivamente para estudar em uma universidade federal, eu me vi como uma formiga tão pequena pra tudo o que eu via de novo. Muitas pessoas, muitas conexões e principalmente pessoas pretas com a realidade extremamente distante da minha. Me sentia às vezes como intrusa na comunidade preta e **abandonada** pela comunidade branca; e isso sempre foi um dilema e uma questão muito profunda pra mim. Afinal, quando não estou na companhia da minha família branca, eu sofro racismo de todas as formas possíveis.

Enquanto eu não digo de quem sou filha, ou de quanta ajuda financeira eu recebo dos meus pais, eu sou ninguém, e mesmo após de dizer, não me isenta de sofrer absolutamente nenhum tipo de racismo. A culpa vem de não poder ver pessoas pretas tendo uma realidade melhor de vida (como a minha) e tendo que passar por situações que eu com certeza não precisei passar durante a minha vida.

Apesar das dores e questionamentos quanto a isso, eu consegui reverter esses pensamentos para outros lugares, através de conversas muito profundas com meus parceiros de vida, sendo eles afetivo-amorosos ou amigos. Essas pessoas foram e são fundamentais

para que eu consiga seguir sendo feliz, leve e com brilho nos olhos, apesar da luta diária. Hoje eu tenho muita vontade de usar da minha condição para que a informação que eu recebo enquanto mulher preta pesquisadora chegue a meninas e mulheres com a realidade que poderia ter sido a minha. Esse se tornou um dos meus maiores desejos, que os estudos, experiências, histórias de vida que mulheres pretas que tem visibilidade social, política e midiática, cheguem a mulheres que talvez não terão acesso facilitado a essas informações. Na verdade é trocar conhecimentos de vida para que a **solidão** que sentimos diminua, cesse ou só se cale um pouco dentro de nós.

Ao compreender que essas experiências de vida marcam a minha forma de pensar e ser no mundo, tornou-se fundamental para mim compreender como as ideias e teorias sobre racismo, feminismo preto e interseccionalidade foram constituindo material fundamental para problematizar tanto as minhas experiências de vida como as minhas experiências artísticas. A seguir pretendo abordar as questões teóricas do feminismo preto e das distintas marcações políticas e sociais que atravessam a compreensão de como esse tema se articula ao meu fazer artístico.

1.2. FALANDO DE FEMINISMO PRETO

No ano de 2014 eu escrevi um texto sobre a semana da consciência negra, e eu o li no intervalo das aulas, quando cursava o terceiro ano do ensino médio. Naquele dia o presidente da câmara de vereadores estava presente e me pediu para ler esse mesmo texto na câmara, em decorrência das comemorações da semana de consciência negra. Aquele foi o meu primeiro passo para querer falar, pesquisar, entender e reivindicar o que muitas tentaram antes de mim. Falando assim parece algo fantasioso ou utópico, mas esse sentimento de querer buscar e falar sobre o que mulheres como eu vivem foi o que me trouxe até aqui.

Depois desse evento segui os meus estudos com o que eu tinha acesso, até o ano de 2016, quando ingressei como acadêmica do Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia. O convívio social na universidade é muito diverso, são muitas pessoas, muitos pensamentos diferentes e então através das aulas e das conversas que eu tinha com as pessoas ao meu redor, fui aprofundando mais nas minhas pesquisas e conheci a autora, ativista política e feminista Ângela Davis.

Conhecer a história e a escrita de Ângela Davis foi o que mais me marcou durante toda a minha trajetória de pesquisa acadêmica. A história de uma mulher preta que lutou por direitos e por isso foi condenada à morte duas vezes (injustamente, diga-se de passagem) me comoveu e me conectou a ela de uma maneira muito profunda.

Trazendo para a nossa realidade brasileira, tive algumas conexões com mulheres negras pesquisadoras, dentre elas, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzales, Conceição Evaristo e Carla Akotirene. Observar o modo como elas escrevem e sobre o que escrevem me abriu caminhos sobre as questões particulares do feminismo preto e possibilitou maior campo de referências sobre o feminismo brasileiro, o nosso feminismo, e também acerca de temas como representatividade.

Carla Akotirene, em seu livro intitulado *Interseccionalidade* (2019), nos apresenta um parâmetro de como o racismo e outras opressões operam na minha vida de mulheres e como os marcadores de gênero, raça, cor, local, entre outros, interferem nos modos de percepção dessas operações. Akotirene (2019, p. 14), tendo como base as discussões sobre teoria crítica da raça de Kimberlé Crenshaw, desenvolve a ideia de interseccionalidade como um parâmetro fundamental que “[...] permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo”.

A interseccionalidade nos permite compreender que os fatores gênero e raça precisam ser considerados ao falarmos de feminismos pretos e que a raça é um marcador fundamental para distinguir as relações feministas. Nessa direção, estar em um contexto de muitas opressões como eu estive durante o meu crescimento, estar em ambiente majoritariamente branco, sofrer racismo todos os dias no ambiente escolar, não ter uma referência preta, além de, no meu caso, sofrer gordofobia e bifobia, fez com que eu tivesse algumas marcas muito particulares que acabaram por definir o meu modo de ser e estar no mundo como uma mulher preta.

As diferentes marcações sociais (gênero, raça, sexualidade, local que reside, entre tantas outras) operam conjuntamente e impactam de modo pontual a vida da mulher preta. A esse respeito e considerando o conjunto de reflexões teóricas e suas implicações na prática da vida das mulheres pretas sem considerar as diversas e diferentes marcações, a autora faz a seguinte consideração:

Não havemos de escapar desta encruzilhada teórica. Nela, como é sabido, muitos se confundiram, seguiram a esmo metodológico o caminho do socorro epistêmico às mulheres negras acidentadas, múltiplas vezes em avenidas identitárias. Daí não ter cabimento exigirem agência política para que se levantem sozinhas depois dos impactos da colonização, nem as tratem como mãe preta, sobrenatural, matriarca, guerreira, que tudo aguenta e suporta (AKOTIRENE, 2019, p. 17).

Penso nessa afirmação e no quanto é injusto nos tratarem como sobrenaturais e guerreiras, como forma de nos fazer suportar tudo e qualquer coisa, principalmente a solidão

em todos os âmbitos das nossas vidas. Reflito, assim, que ter sido criada a ideia de que podemos resolver tudo sozinhas é uma ilusão para que continuemos nas periferias, nas margens, no esquecimento, e sendo as mais afetadas no contexto social. É por esse motivo que Carla Akotirene (2019, p.19) diz que a mulher preta acaba se tornando “[...] o coração do conceito da interseccionalidade[...]”.

Juntamente com as leituras que eu realizava sobre o feminismo negro, as disciplinas do Curso de Dança iam acontecendo. Assim, fui adquirindo cada vez mais um olhar da dança sobre essas e outras temáticas que atravessavam as minhas leituras e me davam suporte para pensar a relação entre a dança e o feminismo negro. Três disciplinas foram essenciais para que eu chegasse num lugar que me sentisse confortável para falar das minhas questões raciais, sociais e políticas, sendo elas: Dramaturgia do Corpo, Práticas em Dança: Performance do Corpo, e Arte e Contemporaneidade, disciplinas essas ministradas pelo professor Alexandre Molina. Foi durante a minha caminhada nessas disciplinas que eu criei a performance Batom¹.

As minhas referências depois que comecei a trabalhar na elaboração e construção dessa performance foram aumentando. Neste período conheci a obra de Djamila Ribeiro, brasileira, filósofa e escritora, especialmente o livro “O que é lugar de fala?” (2017) A partir desse momento fui pesquisando mais sobre suas obras e entrevistas para entender melhor o que ela estava querendo nos mostrar, e como ela falava sobre esses assuntos que tanto me interessavam. É importante destacar que o livro “O que é lugar de fala?” faz parte de uma coleção organizada por Djamila Ribeiro e intitulada Feminismos Plurais. Essa coleção conta com livros de outros atores e autoras negros(as), falando sobre diversas outras temáticas que perpassam o campo de estudos afrorreferenciados e dentre os quais destaco as obras Racismo Estrutural de Silvio Almeida (2019) e Interseccionalidade de Carla Akotirene (2019).

A respeito da obra de Silvio de Almeida (2019), podemos entender que o racismo estrutural é um conjunto de práticas que estão para além da vivência ou experiência individual do racismo. Segundo o autor, existem 4 tipos de racismo que estão interna e externamente ligados ao funcionamento de uma sociedade, sendo eles: racismo ideológico; racismo político; racismo constitucional e, principalmente, racismo econômico.

O trabalho de Silvio de Almeida tem auxiliado no debate e popularização do termo “Racismo Estrutural”. Entretanto, há um uso descontextualizado de sua obra e das questões que ela apresenta. É comum vermos que pessoas utilizam esses termos e questões para se isentarem de suas ações e práticas racistas, assim como tem sido comum vermos as

¹ Mais informações sobre a performance Batom poderão ser encontradas no Capítulo III desta monografia.

peessoas se manifestando falando que *“Ah mas isso é racismo estrutural, não tinha como eu saber, porque eu também sou atingido por ele”*. É preciso lembrar que de acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, inciso XLII, o racismo é um crime inafiançável e imprescritível, como pode ser observado na citação abaixo:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

Outra coisa que é fundamental destacar é que a Lei nº. 12.288/2010 institui o Estatuto da Igualdade Racial no Brasil e busca garantir a defesa dos direitos das pessoas pretas, além de combater a discriminação e o racismo. Essa Lei, em seu Artigo 1º, diz o seguinte:

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Outro tema em que este trabalho tem sido fundamental é em relação à compreensão da construção da figura homem, sua representação social e a dimensão colonizadora perpetuada pelos povos europeus é outro tópico importante e que define as estruturas sociais que perpetuam até hoje e, dentre essas estruturas, o racismo. Afinal, o modelo de homem que estaria no centro de tudo com certeza não era o homem preto.

O processo de colonização exercido pelos países europeus gerou, também, um apagamento da identidade dos povos africanos, asiáticos e ameríndios, tanto em suas dimensões individuais quanto coletivas, afetando-os social e psicologicamente. Esses rastros do período colonial foram transferidos através de gerações, implicando nas dificuldades que o povo preto têm em relação a qualquer processo que envolva a capacidade de realizar algo. Tais dificuldades não foram diferentes comigo. Todas as vezes em que as minhas habilidades intelectuais eram testadas, a sensação de ser incapaz me consumia até que eu desistisse daquilo. Hoje acontece menos, mas ainda está presente no meu cotidiano, de forma silenciosa;

mas quando essas coisas acontecem, eu me questiono o tempo todo se o que estou fazendo é bom o suficiente.

Trazendo o nosso olhar para a realidade brasileira, precisamos pensar sobre algo que Silvio de Almeida (2019) nos diz: que o racismo não é um ato isolado, ele é um processo. O racismo não acontece pontualmente ou em alguns momentos específicos, ele está sempre presente. No Brasil, as pessoas costumam dizer que o nosso racismo é um racismo velado, mas não é bem assim que acontece. Não é que ele aconteça nas entrelinhas ou escondido; ele acontece bem na nossa frente, mas o estado encontra maneiras de controlar, manipular e subordinar um país com maioria da população preta, e um povo extremamente contraditório a entender que as ações racistas não passam de *mimimi*. Essas medidas nos levam a um povo confuso, omissivo, desinformado e conformado. A maneira como o estado escolhe mostrar a história do nosso país, mentindo e omitindo a verdade sobre a luta do povo preto e indígena, faz com que o povo não consiga identificar um ato de racismo, seja ele de grande ou pequena proporção.

A partir deste momento estamos sozinhos, somos a maioria, mas não somos os que detêm o poder da fala e da ação. Quando falamos e denunciemos não somos ouvidas e nem compreendidas, além de muitas vezes silenciadas, seja pela falta de compreensão de que ofensas a uma pessoa preta é racismo e que se configura crime, como já apontado acima, seja porque a marcação social, especialmente de mulheres pretas, nos coloca em uma posição social de inferioridade. É por isso que precisamos compreender que a luta pela garantia dos direitos dessa população e para o respeito às individualidades ou coletividades são fundamentais, apesar de parecerem sem fim e extremamente desgastantes para os movimentos político-sociais que as realizam e também para a população preta.

As minhas concepções do que era, do que é e do que pode ser o racismo, foram mudando muito, aprimorando muito e me transformando demais também. Tudo o que fui observando sobre a construção da imagem da mulher preta na sociedade brasileira, a partir do olhar de feministas pretas e a partir do meu olhar, foi fazendo parte da minha vida. Posso dizer que as mulheres pretas autoras contribuem sobremaneira para o meu entendimento do feminismo preto.

Djamila Ribeiro (2017) foi uma das principais referências para o meu reconhecimento e compreensão das situações pelas quais estava passando ou já havia passado. Encontrei em sua obra referências importantes sobre a importância de reconhecer o meu lugar de fala e também sobre a importância de reconhecer e dar condições para o protagonismo das pessoas pretas ao falarem sobre temas e pautas que dizem respeito a este assunto. Devemos

também olhar de onde estamos falando, porque estamos falando e para quem estamos falando. Essa perspectiva me trouxe certa segurança para poder falar, de diversas formas, sobre a minha vida. É por esse motivo que na performance *Batom* busquei exercer uma forma de falar e de estar em foco da palavra sem necessariamente fazer o uso da voz e colocando as pessoas da audiência da performance, que geralmente tem o poder de fala, no local de escuta.

Além dessa obra, tive um contato maior com o feminismo preto brasileiro através da obra *Quem tem medo do feminismo negro?* de Djamila Ribeiro (2018). Nesse livro a autora expõe como a mulher preta é vista e tratada no nosso país, nas relações políticas, sociais e afetivas.

Essa obra me levou a pensar que a visão que eu até então tinha era baseada nas minhas experiências de vida e a partir das leituras de mulheres pretas norte-americanas, e que era fundamental compreender que a realidade das mulheres pretas brasileiras, da qual eu faço parte, é muito diferente daquela vivenciada pelas mulheres pretas de outros lugares do mundo. Essas reflexões me levaram a perceber a necessidade de estar presente politicamente nos lugares de debates sobre o racismo e feminismo, de usar e exercer o meu lugar de fala como mulher preta e artista, no formato que fosse.

Aprender com outras mulheres me trouxe outra visão do mundo, especialmente nos quesitos econômicos e políticos. Além desses fatores, eu passei a também perceber o homem preto de forma mais profunda e a entender as suas dores e questões que, apesar de serem outras situações, são caminhos semelhantes aos de nós, mulheres pretas. Isso me fez compreender coisas que talvez eu não perceberia se eu não tivesse me reconhecido como mulher preta.

O feminismo preto tornou-se fundamental para a luta das mulheres pretas e, principalmente, para que elas compreendessem o seu lugar de fala. Comigo isso aconteceu de várias maneiras diferentes. Como exemplo, aprendi nas escolas sobre o funcionamento da política do nosso país, mas eu só consegui ampliar a minha visão a respeito do assunto quando comecei a estudar o feminismo preto. Daí a importância de pensar e perceber as coisas do mundo sob uma ótica e referência preta, pois enquanto povo majoritariamente periférico e proletário, é fundamental compreendermos as questões para que possamos nos posicionar em relação ao que o estado nos coloca, pois somos o seu produto de maior sucesso, afinal querem que nós permaneçamos “*em nossos lugares*”, e sabemos como é difícil sair deles. Em contrapartida ao mesmo tempo nós somos o seu maior problema.

Para superar essas questões, é de fundamental importância termos pessoas pretas em todos os lugares de poder, não apenas por reparação histórica, mas por representatividade,

para ser referência para outras pessoas e para que sejam exemplos de acolhimento para aqueles que passarão pelas mesmas inseguranças raciais. Nós, mulheres pretas de diferentes e inúmeras realidades, sejam elas quais forem, estamos sozinhas em tantos âmbitos da nossa vida. A maioria de nós teve que entender muito cedo que nada vem de mão-beijada, que para conseguirmos algo, devemos ser três vezes melhores que qualquer um, pois estamos no lugar mais distante na escala social de poder. Nessa direção, ter tido mulheres pretas como referência no meu caminho foi acolhedor e menos solitário. Escutar suas músicas, ler seus livros, ver suas performances e espetáculos me serviram de inspiração para minha vida profissional, além de ter me deixado menos sozinha.

É por esse motivo que não tem como falar de feminismo sem pensarmos nos diferentes modos de atravessamento que cada pessoa, cada mulher, pode passar em sua vida. As questões que hoje são fundamentais para as feministas brancas, não são as mesmas para as mulheres pretas, que estão muitas vezes ocupadas com outras questões sociais: por um lugar para morar, por algo para comer, por alguém que possa compartilhar a vida e nos dar atenção, afeto e cuidado, afinal esse tipo de relação não é recorrente para nós. Pensar o feminismo preto é, como nos sugere Carla Akotirene (2019), compreender a interseccionalidade, ou seja, as diferentes situações sociais, econômicas e políticas que atravessam as diferentes formas de existência feminina. Lutar por coisas básicas de sobrevivência é colocar as mulheres pretas em um lugar muito injusto para o enfrentamento das questões políticas, mesmo quando falamos do feminismo.

Desse modo, o que o feminismo preto me ensinou, foi que eu poderia ser feminista da maneira que eu acreditasse ser coerente e levando em consideração as questões que me passavam como mulher preta. Tal liberdade eu não tive quando estava em contato com o feminismo branco. Portanto, é preciso reconhecer que não existe um único feminismo a ser seguido; afinal, existem inúmeras mulheres de realidades, nacionalidades, raças e histórias diferentes no mundo. Não seria possível que todas elas tivessem todas as pautas em comum e com o mesmo grau de importância. Nossas questões são urgentes, pois estamos abandonadas e **invisibilizadas** desde a colonização imposta pelo povo branco e, apesar de tantos obstáculos, temos persistido, assim como nossas ancestrais, para que as próximas gerações não precisem pedir licença para serem ouvidas.

Nessa direção é que Djamila Ribeiro (2018) aponta a necessidade de perdermos o medo do feminismo preto e compreender que o lugar de luta (e de fala) da mulher negra deve ser constantemente assegurado. A esse respeito ela diz: “Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão, que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto

nós, mulheres negras, seguimos sendo alvos de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo” (RIBEIRO, 2018, s/n).

Há tempo de mudar nossas atitudes, se soubermos ouvir e distinguir o que tem que ser feito agora e o que pode ser feito depois, e eu lhes garanto, a mulher preta não pode mais ser deixada pra depois.

Das experiências vivenciadas na formação proposta pelo Curso de Dança da UFU, a performance foi aquela em que me senti mais confortável para experimentar processos criativos e que me possibilitou trabalhar de modo transversal essa temática, fazendo com que eu pudesse externalizar e “gritar” as questões que me atravessavam de modo particular a todas as pessoas, especialmente porque era possível estabelecer essas conexões a partir do meu próprio corpo. Das principais experiências vividas nesse campo (atravessada por essa temática), a performance Batom foi uma das mais significativas.

Antes, porém, de falar sobre essa performance, buscarei no próximo capítulo trazer algumas referências sobre o campo da performance e sobre como outras mulheres pretas fazem uso desse campo de atuação artística para desenvolver suas investigações estéticas e políticas.

Todo esse caminho em torno dos estudos sobre o feminismo preto me fez chegar até aqui compreendendo a importância de que em meus trabalhos artísticos essas marcações pessoais enquanto mulher preta fossem ponto de partida para a minha produção. Nessa direção, busco na sequência deste trabalho apresentar dois pontos de vista: o primeiro é sobre a performance enquanto um campo de atuação que possibilita (a mim e outras mulheres artistas) problematizar de forma poética as questões do feminismo preto; o segundo é como as experiências de outras artistas me conduziram para uma reflexão sobre a minha própria experiência e em como isso potencializou a criação da performance Batom.

CAPÍTULO II – PERFORMAR OS CORPOS FEMININOS NEGROS

A performance é um campo da arte que tem como princípio o desenvolvimento de trabalhos artísticos conceituais, políticos e estéticos, constituindo-se em novas formas de atuação. A esse respeito, Roselee Goldberg (2006 , p. 08) afirma que:

Devido à sua postura radical, a performance tornou-se um catalisador da arte do século XX; cada vez que determinada escola - quer se tratasse do cubismo, do minimalismo ou da arte conceitual - parecia ter chegado a um impasse, os artistas recorriam à performance para demolir as categorias e 'apontar para novas direções. [...] a performance situou-se, ao longo do século XX, no primeiro plano dessas atividades: uma vanguarda da vanguarda.

A performance está presente em todas as áreas de atuação artística. Elas, em momentos e estágios diferentes, se lançaram a desenvolver formas de organização e produção artísticas que modelaram, ainda que de forma muito aberta, esse campo de atuação, desconstruindo o que até então se pensava e se produzia como arte, inclusive no que se refere à inclusão do público como agente fundamental na construção dos diversos sentidos que um trabalho artístico poderia ter.

No Curso de Dança da UFU temos uma disciplina que tem como foco o estudo da performance e suas relações com o campo da dança, especialmente no que se refere aos estudos da criação a partir das dimensões do corpo e suas interlocuções políticas e estéticas. Foi nessa disciplina que conheci algumas referências importantes para a minha compreensão do campo da performance, entre as quais destaco Marcel Duchamp, Marina Abramovic e Jhon Cage.



Imagem 01 - Obra A Fonte de Marcel Duchamp, sob o pseudônimo R. Mutt, de 1917.
Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/fonte-marcel-duchamp/>

Em AAA-AAA (1978), Marina Abramovic e seu parceiro Ulay ficavam um em frente ao outro e soltavam gritos diante do público, na intenção de mostrar como eles enxergavam algumas relações amorosas onde o casal não se escuta.



Imagem 02 - Marina Abramovic e Ulay na performance AAAA-AAAA, de 1978.

Fonte: <https://blocodenotasaleatorias.wordpress.com/2013/03/20/o-grito-de-marina-abramovic/>

Em 1952 o músico John Cage apresenta a obra 4'33. Neste trabalho ele se sentava à frente de um piano e ficava em silêncio por quatro minutos e trinta e três segundos, sem tocar o piano. Ele buscava, com isso, deslocar o sentido da música e do som da sua compreensão convencional para uma percepção de que qualquer som, como o da própria plateia.



Imagem 03 - Imagem da apresentação da obra 4'33 de Jhon Cage, por Willian Marx.

Fonte: <https://www.thepiano.sg/piano/read/john-cages-433-defies-silence>

A performance foi adquirindo, cada vez mais, um papel político de denúncia e proposição de reflexão sobre temas de emergência social. Ao longo dos tempos também

podemos observar que os artistas da performance foram criando algumas estratégias para o desenvolvimento de seus processos criativos dentre os quais me interessam pensar: um trabalho artístico que permanece aberto, em constante processo de transformação, evolução e mudança; a pluralidade de objetos artísticos, garantindo que todo e qualquer material pudesse ser considerado arte, desde que tivesse uma interlocução específica com o trabalho em desenvolvimento; a inseparabilidade entre arte e vida, corpo e política, possibilitando às artistas que é os seus próprios corpos e suas próprias experiências de vida fossem compreendidos como elementos fundamentais para que uma performance aconteça.

Ter a possibilidade de criar um trabalho artístico a partir do nosso corpo é ponto fundamental para entendermos a ligação com as possibilidades de trabalho na interface entre a performance e o feminismo preto, pois ser mulher preta já é, em si, um ato político. Nessa direção, ter o meu corpo como elemento principal para que uma performance aconteça me faz sempre pensar o que o meu corpo de mulher, preta, gorda e bissexual diz quando me olham e concluem coisas sobre mim, sem eu ter dito uma palavra.

Sempre quando estou conversando sobre assuntos como feminismo e racismo, percebo que preciso ter muito autocontrole e escuta, para que seja possível ouvir o que a outra pessoa diz sem que eu tente impor a minha percepção, afinal um diálogo acontece na medida em que se tem troca de opiniões e não imposições de ideias. Creio que, para mim, essa troca é mais possível quando eu traduzo o que quero dizer em dança e performance, pois quando estou me apresentando eu tenho a nítida noção de que há uma troca com o público, ainda que este diálogo seja mediado por meu corpo e pela cena. Nessa troca, sempre penso na importância que tem em eu me colocar no local de escuta junto ao público, especialmente para trocarmos opiniões depois de terem me assistido.

Entendo que artistas da performance conseguem alcançar diversas formas de colocar em pauta, assuntos que muitas vezes não são ditos ou que ainda são entendidos como tabu pela sociedade. No meu caso, criar e apresentar uma performance me faz sentir mais segura para criar diálogos sobre os assuntos que proponho discutir neste trabalho, principalmente feminismo e racismo. Também compreendo que a partir das trocas estabelecidas com o público, a performance vai se modificando, se transformando, se ramificando e ganhando novos contornos porque eu, como artista, também vou me modificando, me transformando e ganhando outros tantos contornos.

Ao buscar a performance como campo de atuação, eu tive duas referências fundamentais para compreender como desenvolver um discurso que colocasse em foco as questões sobre arte e feminismo preto, sendo elas: Michelle Mattiuzzi e Priscila Rezende. O

trabalho destas duas artistas nos provoca a pensar nas inúmeras marcações do corpo da mulher preta e nos diversos modos de atravessamento que este têm enquanto elemento estético e político para as artes.

Michelle Mattiuzzi, assim como a mesma se descreve, é “ex-bancária, ex-recepcionista, ex-operadora de telemarketing, ex-auxiliar de serviços gerais, ex-cuidadora de crianças, ex-dançarina, ex-mulher, ex-atendente de corretora de seguros, ex-esposa, ex-aluna. Foi jubilada pela Universidade Federal da Bahia, por racismo institucional. Negra, escritora, performer, move-se com arte de modo indisciplinar”. (Prêmio Pipa, 2017)

Já Priscila Rezende, nasceu em 85, aqui, em Belo Horizonte. Ao se definir, a artista aponta: “[...] Sou formada em Artes Plásticas pela Escola Guignard. Formei em 2011. Comecei em 2008. Quando fui fazer performance, eu já estava pensando, assim, em questionamentos e incômodos. Sabe? Coisas que me incomodavam, que eu queria colocar no trabalho e que tinha uma relação mais com meu corpo e com minha vivência. E, esse impacto que a presença do nosso corpo tem para as outras pessoas... Diante desse espaço de convivência que a gente tem de relação com o outro. Os lugares que a gente vive e como uma simples escolha de como me apresentar para as pessoas era uma coisa tão impactante!” (Laboratório de Culturas e Humanidades, UFMG, 2019)

As performances de ambas, que mexeram comigo logo quando vi. *Merci Beaucoup, Blanco!* de Michelle Mattiuzzi, em que ela está nua, sentada em um banco que permite que ela gire e mostre todo o corpo, e ela se pinta de branco, até que chega um momento em que ela tira pérolas de dentro de sua vagina. Ao final da performance, ela sai caminhando e deixa o público sozinho.



Imagem 04 - Performance Merci Beaucoup, Blanco! de Michelle Mattiuzzi
Fonte: <https://www.premiopia.com/pag/artistas/michelle-mattiuzzi/>

O meu contato com a arte de Priscila Rezende foi com a performance intitulada Bombril, em que ela dispõe algumas vasilhas de alumínio no chão, e se ajoelha em frente delas e começa a lavá-las com o seu cabelo durante aproximadamente 1h. A performance carrega o nome de uma das mais reconhecidas marcas de palha de aço que servem para limpar louças sujas, e faz referência à comparação que é realizada entre a textura dessa palha de aço e do cabelo crespo de homens e mulheres pretas.



Imagem 05 - Performance Bombril de Priscila Rezende
Fonte: <https://projetoafro.com/artista/priscila-rezende/>

Após entrar em contato com a obra da Priscila Rezende, eu fiz algumas releituras, uma durante a Residência Honestidade Artística dos artistas Jorge Alencar e Neto Machado, no evento Paralela no ano de 2017 coordenado pelo docente Alexandre Molina, em outro momento na disciplina de Prática em Dança I: Interculturalismo, ofertada pelo docente Jarbas Siqueira Ramos no ano de 2017, e por último nas experimentações da disciplina Dança e Novas Tecnologias, ofertada pelos docentes Ricardo Alvarenga e Vanilton Lakka no ano de 2018².

² O resultado da disciplina Dança e Novas Tecnologias pode ser observado no texto final da disciplina, incluído como Anexo II deste Trabalho de Conclusão de Curso.



Imagem 06 - Performance de Merci Beaucoup, Blanco! por Michelle Mattiuzzi na UFU. Foto de Alex Oliveira
Fonte: <https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1887965-arte-do-corpo>

Observar como elas traduziram tantas questões que nos atingem enquanto mulheres pretas e brasileiras me despertou interesse por poder fazer o mesmo e por entender como se dava a escuta do público para essas questões. Nas suas performances também pude compreender aspectos da relação entre arte, corpo e política que não fui capaz de apreender quando eu lia meus textos nos intervalos na escola, especialmente como se dava a interação com o público. Essas artistas e os seus trabalhos me fizeram sentir-me capaz de poder falar de qualquer coisa por meio do meu corpo.

Os meus primeiros contatos com a prática e a criação da performance aconteceram nas disciplinas de Dramaturgia I e Práticas em Dança II: Performances do Corpo, com o docente Alexandre Molina, durante o 4º período do Curso de Dança da UFU. Nestas disciplinas estudamos diversas referências e tivemos inúmeras discussões sobre o que seria ou não performance, sobre se determinado trabalho é ou não é dança, sobre como identificamos esse tipo de trabalho. Tivemos muitas dúvidas ao longo dessas disciplinas, pois a performance é algo complexo para algumas pessoas, pelo menos até que seja possível experienciar a criação de um trabalho performativo. Não quer dizer que quando eu comecei a criar performances ela deixou de ser complexa para mim; a questão foi que eu me adaptei rápido ao modo de construção dessa proposta de trabalho, apesar de ser extremamente diferente daquilo que eu já estava acostumada a fazer, como reproduzir coreografias com figurino, palco italiano e luz.

Eu comecei a me envolver ainda mais com a performance quando nos foi proposto nessas disciplinas fazermos uma performance que trouxesse à tona nossas questões pessoais. Foi nesse momento que percebi que tudo poderia ser diferente, inclusive a forma como o público poderia me olhar/observar.

Para trabalharmos essa criação, nos foi apresentado pelo professor a proposta de programa performativo, da artista, professora e pesquisadora Eleonora Fabião. No artigo intitulado Programa Performativo: o corpo em experiência (2013), ela nos aponta maneiras sobre como se dá a composição de uma performance e, para tanto, busca como referência e reflexão os trabalhos de William Pope, Felix Guattari e Gilles Deleuze. Nessa direção, ela nos diz:

Sugiro que a desconstrução da representação, tão fundamental na arte da performance, é operada através de um procedimento composicional específico: o programa performativo. Chamo este procedimento de “programa” inspirada pela uso da palavra por Gilles Deleuze e Félix Guattari no famoso “28 de novembro de 1947– como criar para si um Corpo sem Órgãos”. Neste texto os autores sugerem que o programa é o “motor da experimentação”¹⁴. Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hanna Arendt, programas são iniciativas.

Neste mesmo artigo, a autora nos faz pensar na prática da performance e principalmente no que pode ser feito para que ela se desenvolva da melhor maneira possível, que, para ela, se relaciona com nosso modo de perceber a nossa rotina e as questões que nos atravessam, tendo como norte a nossa proposta de performance. A partir daí, ela sugere que devemos organizar a nossa proposta em programas, ou seja, ações a serem testadas de maneira performativa.

Para elaborar a minha performance, eu passei uma semana consumindo apenas conteúdos desenvolvidos e protagonizados por pessoas pretas, com o intuito de ser atravessada apenas por artistas pretos e por ideias que tinham como ponto de partida a marcação social da raça. Ao fazer esse programa eu não consegui só me conectar mais com as minhas questões, mas também percebi o quão difícil é ser preto e estar em locais de destaque e referência. É muita responsabilidade ser referência para alguém, ainda mais sendo uma pessoa preta, já que os obstáculos para alcançar o sucesso pessoal e profissional é muito maior do que para pessoas brancas. Ser uma mulher preta e estar em um local de destaque quer dizer muitas coisas além de só uma superação ou uma conquista meritocrática, como muitos gostam de descrever.

O ponto de partida para a minha criação foi pensar em como expor o meu corpo, as minhas questões e as minhas dores, já que são questões pessoais e requerem muito cuidado psicológico. Porém, pensando no quanto a minha história e a minha existência é política e se assemelha a de muitas outras, compreendi que era fundamental que a minha criação tivesse esse ponto de partida. A partir de então, e tendo a orientação do trabalho pelo professor Alexandre Molina, fui apresentando diversas versões da proposta do programa, organizei esse material em um caderno de artista, reformulei várias vezes as versões, até a performance *Batom* ganhou um contorno artístico.

Até então, antes da experiência nessas disciplinas, eu não entendia como poderia falar sobre temas como feminismo e racismo em performance. Eu precisei viver a performance para compreender o que é performar um corpo feminino negro e entendi que transformar a nossa visão de sociedade em arte é uma ato político e necessário, tanto quanto qualquer outra forma de se discutir questões raciais. Performar a solidão da mulher negra por meio do meu corpo foi a maneira que encontrei para estabelecer um diálogo onde eu pudesse ser ouvida.

Essa é mais uma das vantagens da performance, que é fazer o público questionar, sair do lugar de conforto e transmitir essas sensações para quem está por perto. É como se fosse um efeito dominó: se um artista consegue tirar o seu público da zona de conforto, esse efeito vai atingir outras pessoas que talvez nem tenham visto a performance. Do mesmo modo, quando há um efeito que reverbera no público, essa mesma questão pode provocar transformações na artista e em sua própria performance. Acredito, assim, que os trabalhos de Michelle Mattiuzzi e Priscila Rezende, atravessados por suas realidades e questões, quando apresentados ao mundo, transformaram o modo que essas artistas tinham de se ver e de fazer política, assim como aconteceu comigo.

Nesse caminho de descoberta da elaboração da performance *Batom* eu passei a ver as coisas com outros olhos, e outras formas de arte me atravessaram de maneira muito profunda. Algumas referências musicais passaram a ser constantemente acessadas por mim, como Nina Simone, Etta James e Beyoncé. Documentário e filmes também passaram a ser acessados com mais frequência, como *The Black Panthers*, *Cadillac Records* e *Libertem Angela Davis*. Inclusive, ter essas referências de forma mais ativa e atuante durante o processo de criação da performance *Batom*, especialmente por eu não ter tido tantas referências pretas ao longo do meu crescimento, me fez perceber que ou ainda temos poucas referências pretas no campo da performance ou ainda não falamos suficientemente das artistas pretas e de suas performances no campo artístico.

Foi esse trabalho que me fez entender que para qualquer artista preto ser divulgado, e ter o seu trabalho de fácil acesso a diferentes públicos, o esforço deve ser dobrado. Nós somos apagados em todos os âmbitos, inclusive quando se trata de ter uma performance reconhecida e valorizada. Por esse motivo, o processo de entrar no campo da performance e criar, ainda que dentro de um espaço acadêmico e orientado por um professor, foi muito difícil. Ainda que tenha sido permeado pelo processo de criação, e que pudesse ir me descobrindo nesse lugar através das conversas em aulas e das reflexões a partir da leitura de autores e autoras, além das orientações recebidas dos professores e professoras, falar sobre questões que envolvem o feminismo preto era um tanto quanto mais complexo por não ter a possibilidade de discutir isso com pessoas que tinham a mesma marcação social que eu.

Apesar de ter me encontrado como artista na relação com a performance, eu ainda me sinto desafiada, porque os desdobramentos que se dão quando se cria para esse formato são muito diversos e, por muitas vezes, até desconexos. Não tem uma receita para criar uma performance, ela acontece e é isso que eu mais gosto, a liberdade de poder criar. Assim, a cada semestre e a cada disciplina eu pude ir ampliando mais ainda o meu lugar e o meu objeto de estudo dentro da performance. A partir daí eu fui entendendo que o primordial para que eu pudesse criar, era estar disponível para viver em função da criação. Precisei de dedicação, insistência, persistência, e muita terapia para conseguir continuar criando, afinal eu escolhi tratar de temas que me afetam não só como artista, mas principalmente no âmbito pessoal. Fui, assim, entendendo que não tem como separar o que eu vivo do meu trabalho com a arte, e que estarei sempre falando sobre coisas que me atravessam como pessoa.

A minha trajetória como performer teve início com *Batom*. Esse trabalho foi um divisor de águas da minha vida artística e também pessoal; um ponto fundamental para eu me reconhecer e me conectar com a minha negritude. É por esse motivo que o próximo capítulo é dedicado a apresentar como se deu a criação dessa performance e quais os seus desdobramentos artísticos e pessoais.

CAPÍTULO III – BATOM – UMA EXPERIÊNCIA PERFORMATIVA

3.1 – BATOM: UM ENCONTRO COM MINHA NEGRITUDE

Como mencionado no Capítulo I, no decorrer da minha vida eu passei por inúmeras situações de racismo e abandonos decorrentes do fato de eu ser uma pessoa preta em um sistema majoritariamente branco. A quantidade de vezes e a forma como falavam do meu cabelo, da minha pele e do meu corpo, fizeram com que eu também me abandonasse. Alisei meu cabelo por anos, usava base mais clara que o meu rosto, vestia cintas para caber em roupas 2 números abaixo do meu.

Todos esses racismos me condicionaram a pensar que o meu lugar era sempre nos cantos, **apagada**, mesmo o meu corpo pedindo pra ser visto. Eu imaginava que eu deveria ficar calada, **silenciada**, mesmo o corpo querendo gritar. Eu pensava que não poderia amar, pois eu não seria amada de volta, **oprimida**, ficava idealizando todos os dias o relacionamento que eu via e achava que era o modelo de relacionamento perfeito, sabendo que eu nunca teria um igual.

Eu passei a me ver como uma pessoa sem valor, feia por ter uma determinada cor. Me sentia suja, uma pessoa **descartável**, que estaria ali para servir a uma sociedade que vê a mulher preta como um objeto para ser usado, desfrutado, algo para se divertir e depois jogar fora (especialmente no que se refere às relações afetivas). Sentia, muitas vezes, que estava condicionada a ter que aguentar qualquer situação sem dizer uma palavra sequer, como se tivesse a obrigação de ser forte e aturar qualquer coisa somente por ser uma mulher preta.

Naquele momento da minha construção enquanto “sujeita” no mundo, eu jamais imaginaria que tudo isso que eu estava sendo condicionada a viver viesse antes, muito antes de mim, que veio da minha avó, bisavó, tataravó. Nós, mulheres pretas, estamos condicionadas a um sistema social que historicamente nos condiciona ao “nosso lugar” e que não nos possibilita evitar que o preconceito social interfira na nossa formação e na maneira de devemos agir no mundo.

Eu passei por diversas situações que estão marcadas em mim até hoje, como por exemplo, nunca ter tido um par para a festa junina. Me lembro de ter contado para minha amiga que gostava de um menino da sala de aula e que numa festinha de confraternização da turma ele falou na frente de todos que ele nunca ia ficar comigo por ser preta e gorda. Situações como essas me fecharam demais, logo eu que sempre fui alegre e comunicativa. Eu me proibi de gostar de qualquer pessoa depois daquele dia. Enquanto minhas amigas estavam

de namoradinho ou contando com quem ficaram na última festa, eu estava em casa aceitando que eu jamais teria uma “vida normal” como aquela vivida por minhas amigas.

Carregando os matizes dos preconceitos que já vinham de minhas ancestrais, parecia que já estava dado que eu viveria isolada, calada e servindo a alguém. Subjugada a um sistema heteronormativo que, ainda hoje, silencia a mulher preta. Mas em certo momento eu decidi lidar com o que fizeram comigo, eu decidi não mais me esconder e deixar meu cabelo crescer, crescer crespo e preto.

Um dia passando a chapinha no meu cabelo, me olhando no espelho e ouvindo os fios do meu cabelo se arreentarem, eu parei, me levantei, lavei o meu cabelo, hidratei, cortei, cuidei dele, cuidei de mim, e quando me olhei de novo no espelho eu me sentia viva, respirando melhor, enxergando melhor. Eu estava me reencontrando! E foi o cabelo que me fez parar e olhar pra mim. Quando fiz isso eu renasci, comecei a me encontrar e a me descobrir. A partir desse momento eu fui atrás de minha história enquanto mulher preta. Eu fui estudar o feminismo, o feminismo negro, eu fui entender tudo o que já tinha acontecido comigo e o porquê de ter sido abandonada tantas vezes em minha vida. Estudando e aprendendo mais sobre os feminismos pretos eu passei a ter voz, a explanar para todo mundo que era do meu convívio (e também para quem não era) o que eu passava por ser uma mulher preta.

Todas essas ações possibilitaram maior reflexão sobre o meu lugar social. Desde entender como é ser mulher preta nesse mundo, até os diversos questionamentos e discussões sobre os discursos sobre a mulher preta com familiares, amigos e autoridades da cidade de Paracatu/MG me tornaram uma militante. Mas essa militância um dia me fez brigar com amigos muito próximos, por não entender que cada um tem o seu tempo para se encontrar e se entender como preto numa sociedade majoritariamente branca e que nos faz pensar que nós somos sim invisíveis, que nós não temos direitos, que nós devemos sim ficar calados.

O amadurecimento para compreender que cada um tem o seu tempo para aprender a lidar com as questões do preconceito racial eu fui ter somente quando iniciei o Curso de Graduação em Dança na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Foi por meio dos estudos durante a graduação que percebi que deveria rever o meu modo de posicionamento nos diferentes lugares. Foi nesse momento que eu me dei a chance de me interessar pelas pessoas e entender qual era a minha orientação sexual; entendi a minha bissexualidade, me reconheci como mulher preta nesse espaço e ainda hoje tento me entender em algumas situações e compreender os meus lugares.

Eu me reconheci como mulher preta primeiramente quando assumi o meu cabelo e comecei a investigar a história da minha cor, dos meus traços e dos meus cabelos e depois, quando quando me deparei com um mundo de possibilidades, referências, representatividades, teorias e discussões sobre o tema, que fez eu me aproximar da minha cultura e passar a reconhecer os racismos, já que antigamente eu não consegui perceber uma série de questões e ações como racismo. Além de conhecer pessoas como eu, as minhas referências na performance, na dança, na literatura, no teatro foram fundamentais para que eu também pudesse me aproximar e me conectar com a minha ancestralidade. Observar e ouvir outras mulheres como eu, apesar de termos contextos diferentes, fez eu conseguir olhar pra mim e me encontrar como mulher preta.

Até esse momento de encontro com a minha negritude, eu compreendia que ela se referia a uma forma de celebrar as minhas raízes e minha cultura e ao ato de me amar como mulher preta. Mais tarde, depois de leituras e debates sobre o tema, eu fui entender que é algo mais profundo, pois refere-se a um movimento político e revolucionário de autopercepção e de valorização do “ser negra”. Esse movimento é fundamental para a compreensão da condição social da pessoa preta, pois a maioria de nós aprendemos a nos aceitar muito tarde, perdendo assim muito tempo de vida sem se reconhecer como deveria e sem compreender o nosso fenótipo e a nossa condição política-social. A partir do momento que eu me reconheci como mulher preta, eu pude me defender dos diferentes tipos de racismo e também passei a compreender o meu lugar de fala, possibilitando que eu exercesse o meu direito à voz e não mais me permitisse me entregar ao embranquecimento, ainda que os efeitos da branquitude e do colonialismo em nossas vidas sejam, muitas vezes, irreversíveis, como aponta Abdias Nascimento em seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro- Processo de um Racismo Mascarado*. Segundo esse autor,

[...] vítima dessa ideologia, o negro não assume a sua negritude, negando-se a si próprio e arriscando-se a sofrer vários problemas psicológicos, ao negar sua própria essência, ao querer imitar gestos, atitudes e até mesmo frequentar salões de beleza a fim de espichar o cabelo para assim branquear-se [...] (Nascimento, 2016, p. 132)

Depois que eu me reconheci como mulher preta, eu nunca mais esqueci do meu papel vivendo no Brasil, no interior do Estado de Minas Gerais. Eu preciso continuar sempre atenta, de prontidão e ativa nas minhas falas e produções artísticas, pois essa é minha forma de trabalho e de protesto, minha maneira de dizer ao mundo sobre as questões da mulher preta. Eu preciso continuar desafiando o sistema, para que outras mulheres como eu possam se

reconhecer e superar as condições sociais impostas por uma sociedade heteronormativa, patriarcal e branca. Eu preciso continuar falando, para que em algum momento essas e outras questões possam gerar novas formas de ver e estar no mundo, um mundo que acolha a diferença e a diversidade cultural e social advindo do lugar da mulher preta.

Toda a experiência do meu processo de reconhecimento como mulher preta me levou à criação da performance *Batom*, o que, por sua vez, me trouxe ainda mais questionamentos relativos ao lugar de pertencimento da população preta e ao necessário respeito ao seu lugar de fala. E o que eu pretendo agora é relatar como se deu o processo de criação dessa performance e quais os seus desdobramentos.

3.2 – CORPO FEMININO NEGRO EM PERFORMANCE: MARCAS DE BATOM

Ao ingressar no Curso de Dança eu quis trazer as questões da minha negritude e do meu enegrecimento como tema para o desenvolvimento dos trabalhos artísticos. Eu contei a minha história em áudio e em corpo na disciplina de Dança Contemporânea I: Técnica e Composição; eu falei do meu corpo e minhas vivências fazendo fotoperformances na disciplina de Tópicos Especiais em Dança e Novas Tecnologias; eu trabalhei as questões do racismo na disciplina de Práticas em Dança I: Interculturalismo. Mas foi na disciplina de Práticas em Dança II: Performances do Corpo, ministrada pelo professor Alexandre Molina no ano de 2017, que eu me lancei ao estudo da performance e que iniciei o trabalho com a escrita de palavras no meu corpo, utilizando para isso um batom.

Quando eu conheci e entendi o que era a performance, eu imediatamente vi nesse formato de dança uma maneira de falar sobre a minha história enquanto mulher preta e de uma forma que pudesse tocar as pessoas, que fizessem elas entenderem as minhas dores e as dores de outras mulheres pretas, sem precisar dizer em palavras.

No início do trabalho eu queria abordar a temática da solidão da mulher preta. Para isso, fiz contato com mulheres pretas que eu conhecia e pedi para que me escrevessem cartas que fossem destinadas a quem as abandonou afetivamente, profissionalmente e socialmente. A partir dessas cartas³, eu uni as minhas vivências com as dessas mulheres e quis mostrar o quanto o que nós vivemos fica marcado em nossos corpos, como emblemas da construção da autoimagem que fazemos de nós mesmas, mas também como marcas (visíveis e invisíveis) que a sociedade deixa no corpo da mulher preta.

³ As cartas estão disponíveis no Anexo I dessa monografia.

Mas afinal, o que me fez criar Batom? Eu sempre tive uma relação muito íntima com a maquiagem e sempre toco no assunto de que se você vê uma mulher preta que se cuida esteticamente e que gosta do que vê, é um tipo de revolução, pois nós sempre fomos ensinadas a odiar a nossa imagem. Através da minha relação com a maquiagem, eu sentia um desejo muito grande de trabalhar com o batom em cena, pois acredito que ele representa não só um produto de maquiagem, mas ele se torna uma ferramenta de empoderamento para algumas mulheres, que se sentem mais confiantes quando o estão usando. A partir dessa vontade, eu comecei a testar o batom como material cênico.

Foi então que eu decidi que o trabalho teria como ponto de partida a escrita em meu corpo de palavras que eu e outras mulheres pretas já tínhamos ouvido durante as nossas vidas, única e exclusivamente por sermos mulheres pretas. Para realizar essa ação, eu escolhi trabalhar com um batom na cor vermelha, pois ele me remetia ao poder e à liberdade da mulher, contrastando com as palavras que eram escritas em meu corpo.

No início testei bastante com espelhos, por eu ter uma conexão forte com eles. Seja porque eles me remetiam à solidão causada pelas marcas do abandono afetivo (como quando os meus colegas de escola faziam-me sentir feia e uma pessoa totalmente sem valor, pois ninguém seria capaz de me amar), seja porque quando eu comecei a me reconhecer como mulher preta e me aceitar, eu passei a me amar e a amar o que eu via nos espelhos. Essa relação com a imagem me levou a me perguntar como aquelas pessoas foram capazes de me dizer aquelas coisas, afinal tudo isso se tornou um **trauma** por muito tempo; e também a perceber como aquilo foi injusto comigo.

Durante o processo criativo com o espelho, eu usava o batom para escrever frases em mim, em frente ao espelho, ao som de Beyoncé interpretando a música “I’d rather go blind” de Etta James. Quando chegava o fim da música eu finalizava a performance escrevendo uma frase no espelho: Eu sobrevivi 21 anos (minha idade na época).

Após esse primeiro momento, eu testei outros formatos em outras disciplinas, até chegar na estrutura da performance que foi apresentada no evento Sala Aberta, no ano de 2017, como relatado acima. Quando a performance começou a acontecer e as pessoas interagiram com o meu corpo, eu senti que tinha encontrado uma forma de falar, e também de obter respostas, sem precisar discutir ou entrar em debate com alguém. Quem estava falando, era o meu corpo e quem dialogava comigo me respondia também com o seu corpo, um diálogo cinestésico e, para mim, muito mais potente que todos os outros diálogos que eu já havia tentado estabelecer sobre esse assunto.

Na primeira vez em que apresentei o trabalho na disciplina, eu vestia um sutiã e uma calcinha, me sentava em frente de um espelho, colocava uma música da Etta James interpretada pela Beyoncé, e iniciava um choro. A partir desse choro eu pegava o batom vermelho e escrevia em mim as palavras que remetiam ao abandono e preconceito sofridos pelas mulheres pretas.

A segunda vez que apresentei esse trabalho foi no evento Sala Aberta – Compartilhamento de Processos, no ano de 2017⁴. Nesse momento, a proposta do trabalho já havia sofrido algumas alterações. Eu passei a escrever as palavras antes de entrar em cena e não tinha mais o espelho. Somente eu, as palavras já escritas e o batom, eu me deitava na frente do público com o batom ao meu lado e deixava aberta a possibilidade para que o público utilizasse o batom para intervir em meu corpo.

Nessa apresentação, ao me disponibilizar no chão para que pudessem escrever em mim também, o público primeiro se aproximou, observou as palavras escritas e começaram a apagar algumas delas. Também começaram a riscar outras com batom e a escrever outras por cima. Para fazerem isso, às vezes me viravam e me colocavam em outras posições. Quando a escrita se encerrou, eu me levantei, peguei o batom e deixei a sala.



⁴ Você pode encontrar mais imagens e vídeos sobre as performances “O corpo da mulher negra” e “Batom” acessando o site <https://anaflaviars.wixsite.com/registros>



Imagens 07 e 08 - Performance *Batom* por Ana Flávia dos Reis Santos, 2017. Fotos: Renata Britto
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora <https://anaflaviars.wixsite.com/registros>

O processo de criação da performance *Batom* mexeu muito comigo, psicológica e emocionalmente. Foi um processo intenso, afinal eu resolvi mexer em coisas na minha memória que eu tinha escolhido esquecer. Fazer isso foi como se eu estivesse enfrentando de frente tudo aquilo novamente, e me ver nesse lugar foi importante para entender até onde eu posso ir sem me ferir em cena e também fora dela. Eu consegui perceber esses limites, apesar de ter ficado um bom tempo sem conseguir encarar esse trabalho artístico, pois eu não queria ter que assumir pra mim o quanto o racismo está nas entrelinhas, o quanto ele é difícil de ser evitado.

Eu queria poder fazer o trabalho ignorando tudo o que tem nele, mas percebi que se eu o ignorasse eu perderia a sua potência artística e ele poderia não fazer mais sentido. Foi assim que eu me encarei e me aceitei de fato como uma mulher preta, gorda, bissexual, que tem direitos. E como mulher preta, é meu dever permitir que a construção do meu discurso artístico dê voz às questões que afligem as mulheres pretas, lutando para que os nossos direitos sejam respeitados, seja nas ruas, na política ou na cena.

Durante todo esse tempo trabalhando e moldando a performance eu tive algumas pausas, por não conseguir lidar muitas vezes com o quanto aquilo era íntimo e dizia muito sobre mim. Fazer a performance me fez olhar para coisas que eu tinha bloqueado há muito tempo: situações de **rejeição**, **abandono**, **troca**, **esquecimento**. Então, abrir essas feridas para dizer ao público sobre as minhas questões foi extremamente importante para minha formação como pessoa e artista.

Batom me deu voz e força para conseguir externalizar o que o racismo pode fazer na vida de uma mulher preta. A experiência de criação foi intensa e longa; mas percebo que ela

ainda não acabou, pois essa é uma performance que se relaciona com a minha trajetória enquanto mulher preta e artista. Sinto que quando se conta a história de uma mulher preta, todas as outras estão juntas, cada uma com sua realidade, mas todas nós compreendemos o discurso, especialmente quando ele se dá por nossos corpos.

3.3 DESDOBRAMENTOS DA PERFORMANCE BATOM

Foi nessa direção que a experiência de *Batom* foi levada por mim para a disciplina de Estágio Supervisionado: Ateliê de Corpo e Criação, disciplina que tinha como objetivo a criação de trabalho artístico final do Curso de Dança. Nessa disciplina, conduzida pela professora Juliana Bom-Tempo, nos foi proposto o trabalho com uma dupla e, para minha sorte, tive a oportunidade de estabelecer o diálogo com a discente Giovanna Silvestre. Nossos trabalhos individuais tinham o mesmo tema: as questões sociais da mulher. Dessas questões, partimos para compreender os diferentes atravessamentos que nossas individualidades geravam enquanto mulheres; e disso surgiu o trabalho artístico intitulado *Do Branco à Carne*.

Éramos duas mulheres, uma preta e uma branca, querendo performar os seus corpos, suas dores, reivindicações e a vontade de dizer para outras mulheres que pode existir uma rede de apoio entre nós, facilitando a nossa caminhada. Neste trabalho pudemos questionar algumas coisas que o feminismo nos traz de benefícios, mas também conseguimos visualizar em prática as falhas que esse mesmo movimento tem quando se trata de observar as lutas e se organizar quanto às prioridades a serem discutidas.



Imagem 09 - Performance *Do Branco à Carne* por Ana Flávia dos Reis Santos e Giovanna Silvestre, 2019.
Fonte: Acervo do evento Unidança do curso de Dança-UNICAMP

Esse processo de criação foi muito desafiador porque eu não estava sozinha. Viver a performance com outra pessoa, especialmente com aquela que foi a minha melhor amiga da faculdade, nos fez descobrir muito mais de cada uma, trabalhando com as nossas histórias, os nossos desejos enquanto artistas, as nossas questões enquanto pessoas e as nossas perspectivas sociais e políticas.

Passamos um ano trabalhando na elaboração dessa performance e ao mesmo tempo planejando a circulação desse trabalho, pois a conclusão da disciplina de Estágio Supervisionado consistia em compartilharmos as performances em Uberlândia e em outras cidades. Ao final do processo circulamos com esse trabalho por Campinas- SP, Aparecida de Goiânia- GO e Uberlândia- MG.

Em cada cidade nós sentimos a performance reverberar de formas diferentes e isso também fez parte do processo de criação, pois fomos ajustando de uma cidade para a outra. O processo de viajar e não saber qual público de mulheres iríamos encontrar e nem como elas iriam reagir à performance, nos deixou num estado de alerta muito intenso, pois poderíamos receber qualquer tipo de reação ao nosso trabalho, tanto positiva, quanto negativa. Assim, em cada uma das cidades tivemos processos distintos de recepção, o que nos fez perceber quantas mulheres vivem situações semelhantes ou até piores que as nossas. Isso me deixou ao mesmo tempo feliz, por poder ser algum tipo de conforto para elas, e triste, por compreender que muitas de nós estão sozinhas, sem nenhuma rede de apoio.

Creio que passar por todo esse processo de me apresentar com a minha primeira performance no Sala Aberta⁵, ter apresentado fragmentos dela em alguns outros momentos e chegar até a disciplina de Estágio Supervisionado, foi uma preparação extremamente importante para o meu amadurecimento como artista. A nossa caminhada no Estágio me trouxe outros aprendizados, como ter a responsabilidade de criar, produzir e circular o próprio trabalho. Creio que para quem quer seguir circulando com performances ou outros formatos de dança, essa disciplina nos deixa um pouco mais seguros e confortáveis para qualquer circulação.

Espero que a performance *Batom* e os seus desdobramentos artísticos possam transformar os lugares que frequento, as pessoas que conheço, a minha realidade profissional e no que mais eu puder contribuir através do meu trabalho como mulher preta e artista e busca de uma sociedade mais comprometida e responsável com as pessoas de pretas, bem como com as nossas questões sociais, culturais e emocionais.

⁵ Sala Aberta - Evento de Compartilhamento de Processos

Entendo que todos aqueles debates, discussões, sessões em câmaras, textos em intervalos de escola, foram (e ainda são) experiências importantes e necessárias para o meu estudo e conhecimento político sobre os temas aqui apresentados. Mas encontrar outras formas de falar, e perceber que eu poderia fazer isso a partir da arte e do meu corpo, me trouxe mais segurança e mais coragem para levantar discussões que eu julgo necessárias.

Por fim, entendo que toda a experiência vivenciada na criação e performando *Batom*, é um caminho fundamental para compreender possibilidades de atuação da arte, por meio da performance, no debate sobre temas tão fundamentais como racismo, gênero e sexualidade. Saber que esse trabalho, assim como o caminho para sua criação e os seus desdobramentos, pode ser uma importante referência para outras artistas, é uma das questões que mais me interessam na consecução dessa pesquisa e no entendimento de que este trabalho deve continuar acontecendo, seja por meio da realização dessa performance em outros espaços e momentos, seja na continuidade dessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU AS MARCAS DE BATOM EM MIM

Escrevi essa pesquisa, durante dois anos, passando por vários momentos que atravessaram toda a minha reflexão e escrita. Vale destacar que iniciei o desenvolvimento da escrita na pré-pandemia de Covid-19 e que estou finalizando o mesmo com a pandemia ainda não controlada. Foi muito difícil todo esse processo, em muitos quesitos, mas principalmente pelo medo da minha pesquisa não conseguir dar conta de todas as questões e conceitos que perpassou o trabalho.

Apesar de ter realizado o curso de graduação em Bacharelado em Dança na Universidade Federal de Uberlândia, curso este que se destaca pelos diversos tipos de acolhimento dos estudantes que o compõem, eu fui exposta a diversas situações racistas em relações internas e externas ao curso e à universidade. Reconheço isso, especialmente por hoje compreender de modo muito mais consistente o que é uma relação racista e por entender que as instituições, por melhor que sejam, ainda reproduzem o racismo institucional. Todas essas situações marcaram a minha autoestima profissional de forma muito dolorosa, me levando a pensar que eu não poderia pertencer a essa área de conhecimento. Ter o meu trabalho ignorado, ou se tornar menos que o do outro, por ele ser realizado por uma pessoa branca, foi difícil de superar e até hoje eu luto para que eu não sabote os meus trabalhos por medo de não conseguir ou não ter uma pesquisa “boa o suficiente” para ser valorizada.

A escrita desse trabalho me trouxe muito aprendizado, autonomia, força, maturidade profissional e, principalmente, maturidade acadêmica. Foi nesse trabalho que pude revisitar algumas experiências e vivências que hoje compreendo terem sido fundamentais para que eu tivesse força para superar esses racismos e continuar insistindo na minha formação, pois ali também era e é o meu lugar. Foi nessa escrita que eu compreendi que a minha luta para finalizar a caminhada acadêmica da graduação não se dá de forma solitária, pois ela é atravessada por todas as mulheres, adolescentes, crianças (que já passaram e que ainda estão por vir) que são como eu, que herdaram uma história de muita luta e resistência, mas que também são histórias de sucesso e ascensão profissional.

É por isso que neste trabalho quis falar sobre como o trabalho artístico com a performance pode ser um importante caminho para lidar com as questões políticas e estéticas da cena, sejam elas pessoais ou coletivas, partindo da experiência relatada sobre a criação da performance *Batom*. Busquei assinalar como as memórias, as reflexões e os questionamentos sobre a condição da mulher preta, especialmente no que se refere à sua solidão, poderiam gerar materiais para a elaboração de um trabalho artístico e, a partir deste lugar, estabelecer

diálogos capazes de ampliar a nossa discussão sobre outros temas que atravessam a condição social da mulher preta.

Foi nessa direção que Batom foi se constituindo como um espaço de interseção entre arte e vida, corpo e política; um lugar de fala que se dava pela dimensão da corporalidade preta em cena; uma ação que colocava em curso as questões sobre raça, sexualidade e gênero, na mesma medida em que provocava o debate sobre os racismos que histórica e cotidianamente ainda deixa marcas profundas nas pessoas pretas, especialmente quando falamos de mulheres pretas; uma performance que se faz arte política e que se coloca para o olhar do público para ser mais um ponto da caminhada em direção a uma sociedade mais inclusiva e menos racista.

Nesse contexto, compreendo que este trabalho é também a continuidade daquelas e daqueles que morreram lutando para que nós pudéssemos estar aqui, fazendo com que a pesquisa em arte e o próprio campo artístico seja também o nosso lugar. É por isso que sei que não devemos deixar as nossas pesquisas nos depósitos ou repositórios, pois é fundamental que elas se espalhem, que cheguem a outras mulheres (artistas ou não) para que ela mobilize outras existências e que façam existir novas mulheres de luta, para que nós continuemos resistindo e evoluindo em nossas lutas.

Espero que essa pesquisa possa chegar a outras muitas artistas pretas, em quaisquer que forem os seus contextos, para que possamos ampliar o debate sobre os temas que estamos tratando e para que possamos criar laços fortes e construirmos, especialmente no universo acadêmico, sermos resistência umas para as outras, em nossa luta coletiva. Por isso, também desejo que essas mulheres possam conversar e discutir comigo as questões que se apresentam na pesquisa, para que este texto também se mova e torne-se, pouco a pouco, referência para os campos em que ele está inserido.

Como disse em alguns momentos desse texto, não tem como separar a nossa cor da nossa vida, afinal as pessoas não esquecem dessa separação, estarão sempre nos lembrando da nossa cor, das nossas origens, cabelos, vestimentas e tudo o que nos compõem como indivíduos. Então eu sugiro que sempre lembremo-nos de onde nós surgimos, da nossa história e da que nós estamos construindo agora.

Uma das minhas maiores alegrias, senão a maior de estar concluindo essa pesquisa, agora que vocês conhecem um pouco da minha história, é poder ser referência para mulheres pretas, é poder deixá-las um pouco menos sozinhas, é de relembrar, como nos diz o rapper Emicida, que “tudo o que nós tem é nós”.

Por fim, espero que este trabalho possa contribuir para debates políticos, sociais, econômicos, artísticos, provocando novas reflexões sobre os temas aqui trabalhados. Sei que precisamos continuar conversando sobre esses assuntos, sob perspectivas afroreferenciadas e antirracistas, principalmente porque precisamos lembrar de que ouvir o que as pessoas pretas tem a dizer, pois essa escuta vai mudar toda a estrutura social que vivemos, e se esse for o problema, que nós possamos resistir e continuar ocupando todos os lugares com as nossas vozes.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** Editora Jandaíra; 1ª edição (10 abril 2019).
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural** Edição Padrão, 30 de Abril, 2019
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016
- GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MATTIUZI, Michele. Entrevista Prêmio Pipa. 2017. Acessado em: 07/10/2021. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/artistas/michelle-mattiuzzi/>
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- REZENDE, Priscila. Entrevista Laboratório de Culturas e Humanidades. 2019. Acessado em: 07/10/2021. Disponível em: <https://labcult.eci.ufmg.br/epistemologiacomunitaria/index.php/priscila-rezende/>
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte/MG: Letramento, 2017.
- _____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 - CARTAS

CARTA 1

“Por quê eu fiz isso comigo?”

Passei oito anos de minha vida apaixonada por um homem e durante esses oito anos ficamos esporadicamente, quando ele queria, quando ele pelas madrugadas por algum motivo queria me ver, por um tempo eu me enganava pensando que esse motivo as vezes ia além do sexo, auto engano, sempre era sexual, nós nunca conseguimos ficar perto um do outro se estivéssemos sozinhos e não transar, tínhamos muita química, era muito impressionante como combinávamos na cama e isso pra mim era o máximo, não conseguia enxergar um motivo pra ele não querer ficar comigo se o sexo era tão bom, se até conversávamos e dormimos de conchinha sempre.

Ele aparecia em casa quase sempre de madrugada, dormia lá e quando ele ia embora pela manhã eu ficava devastada, uma tristeza absurda e imediata tomava conta de mim, por não saber se ele viria novamente, quando viria, e eu sempre a sua espera. Às vezes durava dois meses, quatro ou um ano até a próxima visita, eu nunca sabia, às vezes ele namorava outras meninas e eu descobri por acaso e meu coração quase explodiu de tristeza, de desespero por quê? Por que ele sempre fazia isso comigo? Por que ele não me namorava? Por quê sempre sumia e por quê sempre voltava?

Todos esses anos chorei muito, me entristeci, me questionei, me revirava pensando nos motivos mas nada me convencia que podia ser por racismo ou preconceito, ou racismo e preconceito por eu ser negra, garçõete, feia ou sei lá mais o quê. Durante oito anos procurei encontrar em mim todas as razões possíveis do porquê ele não ficar. Durante uns dois anos eu não ficava com ninguém, ficava à sua espera, ficava ansiosa aguardando a vontade dele de me ver. E mesmo depois quando tentei me abrir e ficar com outros homens quase nada mudou, nada me convencia de que aquele amor não ia virar nada porque só eu amava, mas em meu coração, em minha cabeça ele também me amava mas não conseguia admitir isso pra ele. Quanta ingenuidade minha, ele sabia sim que não me amava, ele sabia que nunca ficaria comigo, mas eu era o lugar gostoso que ele visitava de vez em quando pra relaxar, lugar tranqüilo, limpo, cheiroso, silencioso, quieto, aconchegante e fácil, aquele lugar que sempre estaria lá pra hora que ele quisesse chegar. Comigo não tinha sentido, não tinha dúvida, não tinha perigo. E eu era isso, essa pessoa, ali, quieta, calada, pronta pra recebê-lo, pra ouvi-lo, para satisfazer todos os seus desejos. Eu me desdobrava pra agradar, pra fazer tudo que ele gostava, pra fazê-lo feliz.

Por que ele fazia isso comigo? Por que eu fiz isso comigo? Essa era a pergunta certa, e que até hoje eu não consigo responder. Hoje eu sei que ele jamais ficaria comigo, por todos os motivos, mas sinto e não só eu, pessoas próximas que sabiam da história, acreditam que o fato principal é por eu ser negra, apesar dele ser uma pessoa que está sempre envolvido com pessoas negras, mas todas as suas namoradas foram brancas, todas jovens, umas muito jovens que ele adorava desfilar por aí e mostrar para os amigos. Na verdade, algumas vezes desconfiei disso, mas me recusava a acreditar por achar essa ideia tão absurda. Mas infelizmente não é, sempre ouço dos homens sobre minha cor, sobre meu corpo, sobre essa fantasia com as mulatas e negras, sobre serem quentes, gostosas e cheias de energia. Por mais que eu ache um absurdo, mas por mais que seja um absurdo ainda é muito comum mulheres como eu passarem por essa situação.

Nunca mais consegui amar alguém, sempre desconfio dos homens sobre seus interesses por mim, sempre querem só me comer, o problema maior pra mim é que às vezes nem eles percebem isso, acham tão natural falarem essas coisas sobre as negras e mulatas que nem percebem como são preconceituosos e racistas.

É triste isso, na verdade bem triste, e eu nem acredito mais que isso vá mudar. Já tenho idade suficiente pra não acreditar que os homens vão mudar seus olhares em relação a mim. Talvez eu tenha um pouco de culpa nisso em relação aos homens que passaram por minha vida e das relações que tivemos, mas sinceramente não sei se consigo mudar ou se devo, ou se quero mudar, só sei que depois desses anos todos eu deixei de acreditar que um dia o machismo, o preconceito, e o olhar dos homens sobre as mulheres vai mudar, ainda mais uma mulher negra.”

Anônima

CARTA 2

“Prezados alunos da turma Alfa da Faculdade X do ano de 2012 da cidade Paracatu-MG,

espero que estejam bem!

Hoje, depois de alguns anos, estou escrevendo para apagar de vez de minhas lembranças (embora fosse difícil) as palavras que ficaram daquele dia em que a turma realizou uma certa votação.

Me falaram que escrever ajuda a alma se libertar, então sigamos;

Não sei se recordam, mas, mesmo sendo dolorido, recordarei à vocês:

Era uma noite de Terça -feira. A turma estava reunida aguardando a aula de Direito Penal, cujo professor ainda não havia adentrado a sala. Naquela noite a turma decidiu que deveriam escolher um representante da turma, visto que algumas providências precisam ser tomadas junto a coordenação do curso, além de começarem a organizar os preparativos para a formatura.

Pois bem, eis que surgem vários nomes. Me recordo bem que estava sentada, realizando a leitura de alguns tópicos da aula anterior, estava de cabeça baixa, e ouvia alguns nomes serem falados e automaticamente sendo escritos na lousa. Alguns segundos de silêncio foram feitos, e logo foram quebrados com alguns risos partidos de alguns alunos da turma. Curiosamente, levantei o olhar para observar o que se passara, e como sentava nas primeiras cadeiras, deparei com meu nome escrito na lousa junto aos demais concorrentes. Compreendi então, que o motivo dos risos, fora a escrita de meu nome, realizada por uma colega, que também dava risos, enquanto a mesma olhava atentamente para mim.

Eu sabia que meu nome estava ali para servir de motivo de "chacota" para os colegas, até porque não havia cogitado em nenhum momento ser representante da turma.

Solicitei à colega que retirasse meu nome, mas ela ironicamente me disse:

- Vamos deixar aí, vamos ver , quem sabe você não será eleita?!

Compreendi bem aquele momento, pois inúmeras vezes eu ouvia alguns alunos da turma dizendo que só haviam duas negras na sala, mas que duvidava muito que elas chegassem até o final! Em outros momentos, me perguntava, em voz alta, como estava o quilombo, onde seguido de risos, alguns se entre olhavam. Naqueles momentos, porque não foi apenas um, eu apenas procurava responder com tranquilidade, mas no fundo, bem no fundo de minha alma, eu sabia que aqueles risos e olhares, eram porque era uma mulher, negra, quilombola, pobre e que ainda morava em um local desprezado por muitos da cidade de Paracatu, e de onde, até o momento, para eles seria impossível alguém se sobressair, mesmo que fosse na faculdade, já que a outra colega, ao contrário de mim e que também era negra, era dona de uma empresa de perfuração de poços artesianos.

Bom, voltemos as votações;

Naquele momento então, o professor adentra a sala, e é solicitado ao mesmo para que espere um pouco antes de iniciar a aula, pois os alunos iriam fazer a votação aberta para escolha do representante da turma. Atendendo ao pedido da turma, o mesmo recolhe-se para um lado da sala, enquanto a colega inicia as perguntas aos colegas, que, em voz alta respondia para quem iria seu voto.

Me recordo bem que a turma tinha cinquenta e dois alunos, e que naquele dia a turma estava toda presente, e que justamente por isso resolveram realizar a votação.

Iniciada, à medida que os nomes eram citados como aceitos, traços eram feitos à frente de seus nomes para que fosse feita a contagem. A medida que se aproximava do fim da votação, todos os cinco nomes indicados tinham mais de dois votos, apenas o meu, havia um único voto, dado por mim, que mesmo sem querer ter meu nome ali, me senti obrigada a não retirá-lo e a votar em mim, pois eu precisava acreditar em mim, mesmo sabendo que a escrita de meu nome ali, fora feito em sinal de menosprezo.

Ao finalizar a votação, é indicado uma outra colega da turma, e aqui entendam, não estou pensando na descrição dela como uma forma racista e vocês compreenderão o porquê da descrição, mas ela era loira, de

pele clara, morava no centro da cidade, trabalhava como representante de marketing em um determinado banco e se intitulava ter o perfil da turma para o "cargo de representante da turma Alfa".

Meus caros colegas, eu sempre soube que o peso da cor, do local onde se reside e sua condição social, pesava. Mas confesso que nunca imaginava encontrar uma rejeição tão grande, e que ficou claramente estampada quando ouvi a fala de alguns colegas que entre risos diziam:

- Coitada dela! Só teve o voto dela mesma! Mas também...

Mas também, ela não tinha mesmo o perfil para nos representar (e mais risos). Nós precisamos de alguém que tenha realmente o perfil da turma, e ela, não tem mesmo. Se precisar sair de onde ela mora para resolver alguma coisa aqui na cidade, até ela chegar, a reunião já até acabou (e a mais risos).

Naquela hora, um silêncio interno tomou conta de mim que me senti completamente sozinha. Foi estranho, pois não tive vontade de chorar, nem de responder, mas me recolhi, pois vi que era inútil gastar minhas energias para rebater aquela frase tão forte que usaram: " ela não tem o perfil...", onde eu sabia bem que não ter aquele perfil, significava que por ser negra, não teria capacidade o suficiente para representar a turma, mas para pegarem minhas provas emprestadas que sempre tirava nove, dez, eu era perfeitamente indicada.

Percebi naquele dia, que o abandono sofrido ali, me trouxera um novo sentimento, que não sabia bem qual era, mas que me inquietou. Fui embora para casa e já passava das vinte e três horas, e me recordo que adentrei o ônibus (pois ainda não tinha carro), sentei-me e comecei a chorar. Meu choro não era de tristeza por não ter sido escolhida, até porque nem queria, mas sim de perceber o tamanho do golpe que passei por ser uma mulher negra, quilombola e pobre. Recordo-me colegas, que até o cobrador veio me perguntar se estava bem, pois sempre adentrava o ônibus de uma forma tranquila, sem nunca ter apresentado tal situação.

Os dias passaram, e naquele mesmo mês de Setembro o que foi motivo de risos e desprezo, seria agora o motivo pelo qual deixaria de participar da faculdade ainda naquele semestre e naquela cidade.

Eu havia realizado a inscrição em um concurso, concurso este que o espaço era concorrido por inúmeras mulheres em todo o Brasil, e com tudo que acontecera, nem me recordava que o resultado sairia justamente naquele mês de Setembro.

É colegas, aquela noite, seria a noite mais importante da minha vida! Ao receber a resposta, corri para faculdade para contar aos meus professores, pois tinha professores que me apoiaram, incentivaram, e queria muito contar para eles a notícia.

Foi aí que um professor correu até a coordenação e contou sobre o resultado. A coordenadora veio ao meu encontro e com um abraço me disse:

- Vamos agora contar para sua turma!!

Eu não queria, mas ela com voz firme me disse:

- O professor X me disse o que aconteceu com você no dia da votação! Vamos agora mesmo até sua turma porque eu quero que você fale a frente de tudo o que aconteceu.

Confesso que estava trêmula, sem forças e não queria ir. Não queria ir não por medo, mas sim porque não queria que nenhum de vocês pensasse que estava ali para pisá-los!

Ao chegarmos à sala, vi que todos vocês estavam concentrados realizando um trabalho. A coordenadora os pediu um minuto de atenção e disse que eu teria uma notícia para passar para a turma e ainda explicou que eu não queria falar, mas que ela insistiu, fez questão!

Foi aí, que não sei se recordam bem, eu fiz um agradecimento pelas palavras de vocês pelo dia da votação, onde diziam que não tinha o perfil para representá-los e vocês tinham razão, pois com o email que havia recebido, confirmava que meu perfil não serviria para representar a turma da faculdade, já que, segundo o texto do email:

" Prezada Evane Lopes Dias Silva, é com satisfação e orgulho que lhe informamos, que diante do concurso realizado para concorrer a uma das 15 cadeiras nacionais, você foi aprovada na prova teste e no quesito perfil com 100%. No quesito perfil, por ser negra, quilombola e mulher, é que temos o prazer de anunciar que fará

parte do PRIMEIRO GRUPO DE ASSESSORAS DA ONU MULHERES CRIADO NO BRASIL para trabalhar no fomento às políticas para mulheres e o combate a todo tipo de violência, além da busca do empoderamento das mulheres em nível nacional e internacional, estando a posse marcada para o dia 22 de Setembro de 2012, em Brasília no endereço abaixo. "

Assim colegas, venho relembrar aquelas suas palavras de desprezo e dizer-lhes, que realmente, o perfil de uma mulher negra, quilombola e pobre, está muito além de quatro paredes, e foi por isso que Deus não deixou que vocês me escolherem para ser representante da turma, pois a nossa voz negra, precisa ganhar o mundo!

Hoje, meus caros, estou muito bem e sou muito respeitada por tudo que faço e principalmente por ser uma mulher negra! Finalizei a faculdade de Bacharel em Direito, tenho em meu carro, já advogo, tenho meu escritório, infelizmente por força do trabalho não posso morar no meu quilombo, mas tenho uma família em cada quilombo que visito neste meu Brasil, e continuo levando às mulheres a importância de se identificarem como negras e não terem vergonha, e se por acaso, tentarem te silenciar como fizeram comigo, não se recolham como eu fiz, mas também não gastem energia em locais tão pequenos e com pessoas de mentes ainda menores, pois certamente precisarão dessa energia para gritar ao mundo: Sou negra, sou mulher! Eu posso, eu faço e eu aconteço!

Um grande e fraternal abraço! Nos encontraremos nos tribunais da vida!

Evane Lopes dias Silva

Quilombola,

Pedagoga,

Advogada,

Especialista em Direito Penal e Processo Penal,

Assessora da ONU Mulheres Brasil- CONESUL

Brasil, 12 de Setembro de 2017”

ANEXO 2 – TEXTO REFERENTE À DISCIPLINA DANÇA E NOVAS TECNOLOGIAS

TEXTO DA DISCIPLINA DANÇA E NOVAS TECNOLOGIAS – PROFESSOR RICARDO ALVARENGA E VANILTO ALVES DE FREITAS - 2018

“Mil e uma utilidades de uma Mulher Negra”

Ana Flávia dos Reis Santos

Esse trabalho no formato de fotoperformance, trata-se de expor questões raciais conectadas ao fator da solidão da mulher negra e o que acontece em volta desse tema, sendo atravessado principalmente pela minha vida enquanto mulher negra. E como eu expressei isso como artista, estará em texto e em fotos.

Para contextualizar acerca da performance, trarei trechos de um texto de Eleonora Fabião que é atriz, performer e professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Creio que esses trechos, conseguirão dar uma prévia do que vêm a ser a performance.

(...)“ O homem negro que se sentou numa calçada cinza, exibiu três vidros de maionese branca, e tentou vendê-los por 100 dólares cada.

O mesmo homem sentou-se numa galeria de arte por três dias consecutivos vestindo o gorro vermelho do Papai Noel branco, para fazer levitar um vidro azul de leite de magnésia.

Branco leite este que, como se sabe, ajuda a soltar fezes marrons seja de homens pretos, brancos, azuis ou amarelos.”(...)

(...)”Esta é a potência da performance: desabituar, des-mecanizar, escovar a contra-pêlo.

Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial...”(...)

Ao procurar por mulheres negras na fotoperformance encontrei o site da artista Michelle Mattiuzzi que nos traz uma breve definição do que seria esse termo:

“A Performance, concebida inicialmente para ser uma “arte ao vivo”, “efêmera”, passou a se utilizar de registros fotográficos/videográficos para documentar suas ações. Mais do que registrar os momentos significativos mediante uma sequência de imagens, muitos artistas tendem a redimensionar ou redefinir a proposta performática em função da escolha do meio. Algumas vezes essa mediação adquire um papel tão fundamental que a performance é concebida exclusivamente para ser vista em fotografia ou vídeo, o que denominou-se fotoperformance. Assim, o termo fotoperformance, é utilizado aqui em um sentido amplo, com referência ao fotográfico: imagens de captação e projeção ótica, dependentes da luz, que vão da fotografia até o vídeo, considerando as especificidades dos meios, suas miscigenações e atualizações no universo das imagens numéricas.”

Michelle Mattiuzzi é Performer, Ex-bancária, Ex-recepcionista, Ex-operadora de telemarketing, Ex-auxiliar de serviços gerais, Ex-dançarina, Ex-mulher, Ex-atendente de corretora de seguros, Ex-aluna PUCSP.

Participou da Exposição Multitude: quando a arte se soma à multidão, com a performance "Merci Beaucoup, Blanco!" "

SESC POMPÉIA, São Paulo, S.P-Brasil , 2014.

Premiada com performance Merci Beaucoup,Blanco !

Salão de Artes Visuais da Bahia, Edição Lençóis 2013.

Residência Artística com a Performance Merci Beaucoup, Blanco! Galeria Litros, Berlin Alemanha 2013.

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2014.

Graduou-se em Comunicação das Artes do Corpo com habilitação em performance na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2008 .

Atualmente é mestranda na Escola de Belas Artes e é a Musa, Performer e colaboradora dos coletivos GIA (BA) e Opavivará (RJ).

Para contextualizar as informações que dei acima, sobre a performance e a fotoperformance, começarei a contar coisas que vivi e ouvi, que vão estar presentes em meu trabalho, que é uma maneira também de entender do que se trata a minha foto performance.

Por muitas vezes, quando criança eu ouvia que o meu cabelo era de Bombril, ruim, duro, entre outras coisas. Assim como outras crianças que vivem no Brasil eu tive a minha autoestima corrompida por ter ouvido tais coisas, o meu psicológico abalado, mas digo isso não de uma forma vitimista e dizer que isso me fez parar de viver, ou só me lamentar por isso, é apenas um fato que me ocorreu e ocorre à muitas crianças negras nesse país.

Antes de falar sobre esse meu projeto, quero expor alguns trabalhos que vieram antes deste se tornar um projeto, e que contribuíram muito para que eu chegasse até aqui. Ao ingressar na faculdade eu decidi que traria aos meus trabalhos artísticos as questões raciais, de um modo geral e logo depois defini que falaria sobre aquilo que vivo, o racismo contra mulheres negras de todas as formas que acontecem.

No primeiro quis falar sobre a minha história enquanto criança adotada e negra, desde que cheguei a minha família até os meus 18, coisas que sofri e que me marcaram estavam no trabalho em formato de áudio e dança. Um formato que vem nos mostrar a relação entre dança e tecnologias.

O áudio precisava ser gravado em um lugar fechado, onde não tivesse interferência de sons internos e externos, para que não tivesse nenhum ruído no resultado final, que “sujasse” a minha fala, quando eu contava a minha história no áudio, eu precisava projetar mais ainda a minha voz, melhorar a dicção, lembrar de transmitir a emoção que passava por mim, quando eu lia a minha própria história. Tudo isso para que o áudio se conecte a mim e a minha coreografia.

A partir desse primeiro trabalho eu falei em todos os outros sobre a solidão da mulher negra e tudo o que está envolvido nesse fator, a autoestima que é abalada, a vida profissional, a vida amorosa, a vida materna e social, estudei sobre esse fator, recolhi dados, conversei com mulheres negras sobre esse assunto e ainda sigo nessa vertente, porque me interessa muito.

Inclusive durante essa pesquisa, eu pedi à seis mulheres que me enviassem cartas, mas que essas cartas fossem destinadas à quem já as abandonou em algum desses quesitos que citei acima, e gostaria de expor alguns trechos aqui para que entendamos como a solidão da mulher negra nos afeta de jeitos diferentes.

“É triste isso, na verdade bem triste, e eu nem acredito mais que isso vá mudar. Já tenho idade suficiente pra não acreditar que os homens vão mudar seus olhares em relação a mim. Talvez eu tenha um pouco de culpa nisso em relação aos homens que passaram por minha vida e das relações que tivemos, mas sinceramente não sei se consigo mudar ou se devo, ou se quero mudar, só sei que depois desses anos todos eu deixei de acreditar que um dia o machismo, o preconceito, e o olhar dos homens sobre as mulheres vai mudar, ainda mais uma mulher negra.” Carla Fernanda

” Compreendi bem aquele momento, pois inúmeras vezes eu ouvia alguns alunos da turma dizendo que só haviam duas negras na sala, mas que duvidava muito que elas chegassem até o final! Em outros momentos, me perguntava, em voz alta, como estava o quilombo, onde seguido de risos, alguns se entre olhavam. Naqueles momentos, porque não foi apenas um, eu apenas procurava responder com tranquilidade, mas no fundo, bem no fundo de minha alma, eu sabia que aqueles risos e olhares, eram porque era uma mulher, negra, quilombola, pobre e que ainda morava em um local desprezado por muitos da cidade de Paracatu, e de onde, até o momento, para eles seria impossível alguém se sobressair, mesmo que fosse na faculdade, já que a outra colega, ao contrário de mim e que também era negra, era dona de uma empresa de perfuração de poços artesianos.”

“Hoje, meus caros, estou muito bem e sou muito respeitada por tudo que faço e principalmente por ser uma mulher negra! Finalizei a faculdade de Bacharel em Direito, tenho em meu carro, já advogo, tenho meu escritório, infelizmente por força do trabalho não posso morar no meu quilombo, mas tenho uma família em cada quilombo que visito neste meu Brasil, e continuo levando às mulheres a importância de se identificarem como negras e

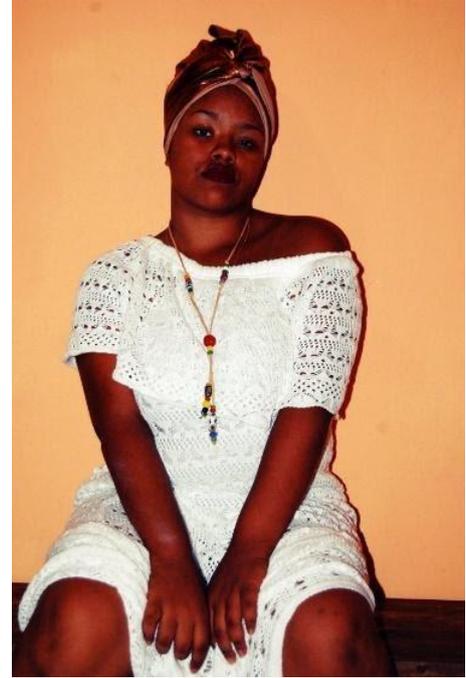
não terem vergonha, e se por acaso, tentarem te silenciar como fizeram comigo, não se recolham como eu fiz, mas também não gastem energia em locais tão pequenos e com pessoas de mentes ainda menores, pois certamente precisarão dessa energia para gritar ao mundo: Sou negra, sou mulher! Eu posso, eu faço e eu aconteço!” Evane Lopes

Com essas cartas eu quis trabalhar com o batom vermelho, com ele eu escrevia em meu corpo palavras, que eu já ouvi e que me marcaram e palavras que outras mulheres já ouviram, a partir disso eu fiz uma performance, onde eu me colocava no chão, exposta, apenas com roupas íntimas e o corpo marcado com as palavras escritas com batom, e o batom ao meu lado, para que o público continuasse a escrita.



Fiz um trabalho com foto performances antes, que representavam os dois lados da vida de uma mulher negra hoje, de um lado, o lado da beleza, do turbante, dos cachos, cabelo black

power e do outro lado, corpo exposto como mercadoria, atingido por palavras que ouvimos todos os dias em casa e ao sair dela.



Tendo sido atravessada por todos esses trabalhos que citei (e outros que não apareceram aqui), meus estudos e minha vida, eu quis trabalhar com o significado que a palha de aço tem pra mim, pois como citei antes, quando pequena eu escutava todos os dias que eu era feia por ser negra e ter o cabelo duro, ruim, que ele poderia até lavar louças, era um “Bombril” que se nos recordarmos do slogan da marca: “Mil e uma utilidades”, eu conecto essa frase ao papel que a sociedade deu pra nós, mulheres pretas.

Servimos para dar uma faxina em casas de família e ainda satisfazer o homem dessa casa, servimos para satisfazer o prazer de muitos desde que seja escondido, servimos para fazer trabalho extra no trabalho para aqueles que não tem capacidade para tal, mas no final acabam se esquecendo de darem os créditos a quem merece. Servimos para tudo, e ao mesmo tempo para nada.

Pensando nesses significados e sensações que a palha de aço traz pra mim, fiz algumas sessões de fotos, que a princípio não teriam uma ordem porque foram experimentos que fiz, mas ao observar cada uma, conversando com professores, colegas e amigos, percebi que essas fotos de alguma forma tem uma conexão, porque cada sessão eu estou me relacionando com um Bombril de um jeito, e que relações são essas?

Uma delas eu quis mostrar o que o Bombril representa pra mim, de uma forma mais sensível, quis mostrar que ter o cabelo comparado a uma palha de aço, me cegou, me fez calar, e me fez me sentir suja e consumida por essas palavras e comparações.



Em outra, eu respondi à essas comparações de uma forma agressiva, em que eu pratico o ato de colocar fogo o Bombril, que pra mim representa responder a essas pessoas que sim eu fui atingida de alguma maneira, mas que eu decidi não me calar e que devemos pensar e conversar sobre esses racismos cometidos na infância de muitas crianças, e também na vida adulta de muitos negros e negras do Brasil.



Como uma das últimas experimentações eu quis trazer uma relação irônica com esse material, em que eu tento fazer um tutorial de como se maquiar e tirar a sua maquiagem com o Bombril, e ao fazer essa sessão, enquanto eu ia retirando a maquiagem, esfregando aquele material áspero e duro na minha pele eu percebi o quanto as pessoas estão enganadas em comparar o meu cabelo à isso, e o quanto ele é o contrário disso.



Pretendo continuar com esse projeto, fazer outras sessões de fotos, ou fazer mais um formato dele, que não seja esse, mas por ora, esse projeto representa dois anos de trabalhos, dois anos em que eu como artista decidi falar sobre minhas questões, que infelizmente não são só minhas, e que ainda estão muito presentes na sociedade em que vivemos, e se não falarmos sobre, isso nunca vai parar.

Essa foi a minha implicação e contato com a fotoperformance, com a qual me identifiquei bastante pois ela se torna texto quando se quer dizer algo e a mesma me desafiou enquanto mulher negra e artista, tentei de várias formas, através desse meio passar para quem as vê uma mensagem, mesmo sem ter controle sobre ela, e espero ter cumprido ao menos um pouco o meu objetivo e darei continuidade a esse projeto.”

ANEXO 3 - TEXTO LIDO NA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Semana da Consciência Negra (Câmara Municipal de Paracatu- 2014)

Vim aqui hoje para mostrar a vocês a importância do dia da consciência negra, e mostrar também que não deveria ser considerado apenas um feriado ou mais uma data comemorativa.

Creio que todos nós já estudamos em algum momento de nossa vida que foram os Portugueses que nos colonizaram, entretanto nem todos têm a visão de que fomos criados na hierarquia de raças, na qual os brancos são superiores e os negros, e índios são inferiores.

É por isso que somos tão discriminados nos dias de hoje, é porque desde cedo já nos ensinaram qual era o nosso lugar e como deveríamos agir.

Irei compartilhar com vocês as situações pelas quais já passei desde que cheguei na minha família, não faço isso para me fazer de vítima ou qualquer outra coisa, mas faço isso para que vejam a gravidade do problema.

Bom, quando meus pais souberam que havia uma menina para adoção, ligaram logo em Belo Horizonte para acertar tudo, mas a senhora com quem falavam disse ao meu pai, vocês têm certeza que vão querer ela? Ela está doentinha e é moreninha.

A primeira vez que fui a escola meu pai me levou na porta da escola e disse: Neném, você vai estudar em escola de filho de doutor, você vai ser discriminada, mas você é inteligente e vai passar por tudo isso.

E ele não estava errado, dentro da sala de aula eu não podia participar das aulas porque me mandavam calar por ser negra e no recreio? Não podia brincar com as outras meninas porque era negra.

Infelizmente, todos os dias que chegava em casa chorando, a minha mãe e a minha irmã tinham que me acalmar e me ajudar a passar por tudo isso todos os dias.

Então aos 08 anos para que parasse de sofrer, eu alisei o cabelo e foram longos 09 anos escrava da sociedade e quando assumi que eu realmente era, vocês não sabem o tamanho da minha felicidade e a sensação de liberdade que eu sentia.

Então eu queria mostrar que muitos de vocês não sabem como é entrar em uma loja e o segurança ficar te vigiando, muitos não sabem como é andar a noite na rua com medo de ser parado pela polícia não sabem como é ver as pessoas se afastando de você.

Enfim, eu queria que vissem essa data como um momento de reflexão tanto para os brancos quanto para os negros que só se manifestam nesse dia do ano. Reflitam sobre a gravidade do problema que vivemos no Brasil das diversidades.

E por favor, não digam que somos todos iguais, porque isso é só uma maneira de fazer com que não vejamos o problema.

ANEXO 4 - TEXTO REFERENTE AO PRIMEIRO TRABALHO DA GRADUAÇÃO

No processo de adoção uma mulher falava ao meu pai pelo telefone: Ela tem 6 meses, ta doentinha e ... é moreninha.

Pelos meus pais preconceito nunca sofri, sempre deixaram tudo bem explicado pra mim.

Meu primeiro dia de aula, na porta meu pai disse: Nenê, você vai estudar em escola de filho de doutor, e você vai sofrer preconceito, mas você vai estudar muito.

Entrei na escolinha e lá me mostraram qual deveria ser o meu lugar com as frases: “ não brincamos com preta, “ você é preta sai daqui.” “ Quando eu, empolgada, queria responder as perguntas da professora, me mandavam calar a boca.

Para achar um lugar pequeno pra mim, para que pudessem aceitar pelo menos minha presença, alisei meu cabelo e foram os piores oito anos da minha vida, sofri, me calei, chorei todos os dias em silêncio.... Silêncio.

Um dia olhei no espelho e decidi não alisar mais, cortei meu cabelo, para meus cachos voltarem, para que minha identidade voltasse. Comecei a entender tudo que sofri no passado, e o que continuo sofrendo, mas agora o silêncio não faz mais parte da minha vida, eu enfrento, eu sou a minha voz e a voz de tantas outras como eu... Voz.

Mas nem sempre, ou quase sempre o nosso final não é feliz, o nosso corpo foi feito apenas para o prazer carnal, não fomos feitas para casar, somos mulheres do pecado, vulgares.

Mesmo quando enfrentamos, lutamos, falamos, nos silenciam... quase sempre da pior forma.